



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA/UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA/FUP
GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS**

**A percepção dos estudantes da FUP sobre a interface saúde e educação em
tempos pandêmicos.**

**AUTOR: Erick Ferreira dos Santos
ORIENTADORA: Prof.^a Dra. Tânia Cristina Cruz**

Brasília

2022



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA/UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA/FUP
GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS
TCC em Licenciatura em Ciências Naturais**

**A percepção dos estudantes da FUP sobre a interface saúde e educação em
tempos pandêmicos.**

Orientadora: Prof.^a Dra. Tânia Cristina
Cruz

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado à Faculdade UnB
Planaltina como parte dos requisitos
necessários para a conclusão do curso
de Licenciatura em Ciências Naturais

Brasília

2020

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a mim, que, de forma alguma, desisti de mim. Mesmo diante de todas as dificuldades, procurei aproveitar cada oportunidade de vida na universidade.

Agradeço as doutoras: Professoras Tânia Cristina Cruz, Juliana Eugênia Caixeta e Thayza Matos, por serem tão pacientes e delicadas, sempre me dizendo que eu podia, mesmo quando eu não acreditava.

Agradeço a minha família, que esteve por mim e comigo em todos os momentos, dando apoio, abrigo, amor e carinho que eu necessitava. Amo vocês demais, mamãe e Bruna, as mulheres da minha vida.

Agradeço, também, os meus amigos, mesmo os que não ficaram, porque sem eles, eu não teria sido capaz de manter qualquer traço de saúde mental e bem-estar. Amo muito vocês: Joasley, Matheus, Vinicius, Naara e Dandara! A vida é sempre melhor com vocês!

Resumo: O seguinte estudo foi constituído tendo em conta o momento sensível pelo qual toda a comunidade mundial passou nos dois últimos anos: a Pandemia da Covid-19. Trata-se de um período de mudança de hábitos para resguardo da saúde coletiva e da vida. Entre elas, destacamos o isolamento social e as modificações feitas para a continuidade das atividades acadêmicas e escolares. Nessa pesquisa, o enfoque recai sobre a comunidade acadêmica, com o objetivo de entender o impacto do contexto de pandemia na interface saúde e educação, na percepção de estudantes. O trabalho se fundamentou em uma pesquisa de enfoque quantitativo e qualitativo e foi feita com estudantes da Faculdade UnB Planaltina (FUP), campus situado em zona periférica da região administrativa de Planaltina, Distrito Federal. Para a coleta, foi elaborado um questionário online através do Google forms com 61 questões. Os resultados expressaram elevação de estresse, ansiedade e desatenção, além de apontar para hábitos de sono desregulados, desgaste social, insatisfação e enfado com as adaptações para o ensino remoto e desmotivação com a vida acadêmica em si.

Palavras chaves: saúde mental, universitários, pandemia, FUP.

Abstract: The following study was created taking into account the sensitive moment that the entire world community went through in the last two years during the pandemic, bearing in mind the changes in habits that accompanied the safeguarding of collective health, especially with regard to isolation, social and the modifications made for the continuity of academic and school activities; however, the particular focus of this research is on the academic community, which in Brazil has grown widely and notably during the last two decades, following the expressive promotion and adherence to higher education as a form of cultural, social and economic development. In order to understand the impact of mental health on the academic performance of these students in times of a pandemic, the following work developed a quantitative-qualitative research with students from Faculdade UnB Planaltina (FUP), a campus located in the peripheral zone of the administrative region of Planaltina. For data collection and analysis, an online questionnaire was prepared through google forms with 61 questions, which after analysis expressed an increase in levels of stress, anxiety and inattention, in addition to pointing to deregulated sleep habits, social exhaustion, dissatisfaction and boredom with adaptations to remote teaching, and demotivation with academic life itself.

Keywords: mental health, university, pandemy, FUP.

Lista de gráficos

- Gráfico 1:Esse curso foi sua primeira opção?.....29
- Gráfico 2: Está satisfeito com seu curso?.....29
- Gráfico 3: Tem intenção de trabalhar na área de formação?.....30
- Gráfico 4: A inclusão integralizadora da universidade/ A satisfação com a FUP.....30
- Gráfico 5: Houve dificuldade no processo de adaptação?31
- Gráfico 6: Sentiu dificuldade para adaptar-se ao uso de tecnologias.....31
- Gráfico 7: Durante a pandemia sentiu-se menos motivado com sua vida acadêmica.....32

SUMÁRIO

1. A Universidade no Brasil e no mundo.....	7
1.1 A Universidade e a saúde do universitário.....	12
2. Saúde, pandemia e desempenho acadêmico.....	17
3. Contextualizando a amostra: (Planaltina, FUP e a periferia na Universidade).....	19
4. Metodologia.....	26
5. Resultados.....	27
6. Discussão.....	34
6.1 Sobre a FUP, o processo de adaptação.....	34
6.2 Sobre a saúde e o desempenho em tempos de pandemia.....	35
7.Considerações finais.....	37
8.Referências.....	38
9.Apêndice	

1. A Universidade no Brasil e no mundo

Desde sua criação, a concepção e o funcionamento das universidades vêm passando por incontáveis mudanças, algumas radicais; outras, nem tantas. As mudanças acompanham, mesmo que inconscientemente, a complexidade da sociedade, e inevitavelmente “à dinâmica da interdependência global” (MORHY, 2003, p.15).

Assim sendo, de forma alguma as universidades ficariam isentas deste tipo de processo, logo as instituições reinventaram-se junto aos movimentos sociais, culturais, econômicos e políticos, locais e mundiais, reformulando suas funções e seus valores (KRUEGER, 2018), e tornando-se, de maneira geral “[...] centros vitais de civilizações, usinas intelectuais, áreas de críticas social [...]” (MINOGUE, 1977 *apud* MORHY, 2003, p. 16).

Na sociedade brasileira, percebemos a relevância das universidade para o desenvolvimento e construção do eu social e para a promoção e ampliação de “habilidades e competências profissionais” (ARIÑO; BARGADI, 2018, p.44). Com isso, atentamo-nos, ainda, para as elevadas possibilidades entre a detenção do diploma universitário e a conquista de espaço no mercado de trabalho. Mesmo que a conclusão do ensino superior por si só não seja capaz de assegurar a empregabilidade, seu valor é inegável mediante a competição do mercado e a busca pela “autonomia financeira” (AZEVEDO, 2019, p.30).

O ingresso na universidade, estabelecido socialmente como um possível catalisador de transformações, de enorme valor econômico, político, social e cultural, tem sido “pilares para o desenvolvimento sustentável e a promoção de valores tais quais a liberdade a tolerância e a dignidade” (UNESCO, 2017 p. 1, tradução nossa). Esse contexto influencia diretamente o crescimento exponencial da comunidade acadêmica.

No cenário internacional, esse crescimento se dá a partir da década de cinquenta, com números que partem de sete milhões e que, em meados dos anos noventa, atingem a marca de sessenta e quatro milhões de estudantes universitários no mundo (SILVA; HELENO, 2012).

No entanto, é necessário um pequeno adendo a respeito da história brasileira quando se trata do ensino superior. Diferentemente do cenário internacional, o brasileiro demonstra um caminho longo até a democratização do acesso à Educação Superior. Até os anos 2000, as universidades se constituíram ambientes

absolutamente elitizados, usados de maneira explícita para a manutenção do *status quo* e desprovidos de qualquer preocupação com o contraste social (AZEVEDO, 2019).

É somente a partir do ano 2003 que as universidades brasileiras experimentam mudanças políticas, sociais e educacionais (ZAGO, 2006) que não só permitem, como também incentivam, o acesso de pessoas das camadas populares ao ensino superior de qualidade (AZEVEDO, 2019).

Medidas governamentais, de 2003 até 2016, principalmente, implementam projetos que não visam somente a expansão das universidades federais, mas, também, a ampliação de suas vagas e a diversificação das possibilidades de ingresso, como o estabelecimento do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Sistema de Seleção Unificada (SISU) (LAMBERT *et al.*, 2018, p. 31). Alguns dos projetos implementados nesses anos foram: REUNI – **Programa** de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, criado pelo Decreto Presidencial 6.096 (BRASIL, 2007), PROUNI – o Programa Universidade para Todos, sancionado com a Lei nº 11.096 (BRASIL, 2005) e Sistema de Seleção Unificada, Portaria Normativa nº 2 (BRASIL, 2010).

São instauradas, ainda, políticas públicas tal qual o marco da Lei nº 12.711, que legisla sobre a reserva de 50% das vagas, em instituições federais, para alunos advindos de escolas públicas, indivíduos procedentes de famílias com renda inferior a um salário mínimo e meio, e ainda para autodeclarados pretos, pardos e indígenas (BRASIL, 2012; LAMBERT *et al.*, 2018). Essa política afirmativa tem promovido não só o aumento, mas também a diversificação das pessoas ingressas nas universidades brasileiras (NIEROTKA; TREVISOL, 2016).

São medidas como essas que impulsionam o desenvolvimento científico, tecnológicos e inclusivo da sociedade brasileira, trazendo contribuições não só locais, a nível nacional, mas, também, internacional, como foi o programa Ciência sem Fronteiras (BRASIL, 2011), por exemplo.

Com essas políticas, o país, assim como alguns de seus vizinhos sul-americanos, apresenta uma taxa de crescimento em matrículas de 7% por ano, nos últimos vinte anos (UNESCO, 2017, tradução nossa), colaborando com o montante mundial que, no ano de 2014, contabilizou o total de 207 milhões de estudantes universitários pelo mundo, com o valor de taxa de matrículas igual a 34%.

O relatório organizado e disponibilizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2017), intitulado, “Seis formas de garantir a educação superior sem deixar ninguém para trás”, ratifica que ainda existe contraste considerável entre “países de renda alta” e “países de renda baixa” no que se tratando da aderência à universidade. Para a organização internacional, o segundo grupo ainda cresce lentamente, alcançando, por pouco, a média mundial de crescimento de 4% por ano, enquanto o primeiro, ainda que sem aumento aparente, continua encabeçando os topos dos rankings relacionados à porcentagem global.

No que se refere ao número de pessoas com ensino superior completo, países como Coreia, Canadá, Rússia e Japão lideram os rankings, com porcentagens que chegam a 70%, 64%, 62% e 62%, respectivamente (OECD, 2020). Ainda que abastados, estes países não necessariamente lideram as listas no que diz respeito aos investimentos em educação, principalmente quando se trata do ensino superior. A Coreia, por exemplo, país dentre estes que teve maior investimento com a educação superior, chegou apenas aos USD 16.023,90 por aluno, o que quando comparada aos investimentos de alguns outros países, como Luxemburgo (USD 24.933,40 por aluno), quase parece pouco (OECD, 2020).

Nesses países, os fundos educacionais são injetados principalmente na educação básica e nos níveis da educação secundária, com números que chegam à casa dos 132.557,3US\$ que nem de longe se comparam aos 229.744,7 US\$ (OECD, 2020) investidos por Luxemburgo, país que ocupa o primeiro lugar em investimentos educacionais na lista disponibilizada pela Organization for Economic Co-Operation and Development (OECD).

Segundo a própria organização, que também é responsável pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Programme for International Student Assessment - PISA)¹, os investimentos em si e a quantidade de verba disponível não significam a garantia de uma boa educação. Logo, não devem ser diretamente associados, ainda que muito importante, ao êxito educacional.

O dinheiro por si só não pode ser considerado a razão do sucesso; na realidade, é ainda mais fundamental atentar-se à maneira como o mesmo é

¹ PISA permite avaliar o desempenho dos estudantes no fim da escolaridade básica, avaliando a noção e as habilidades dos discentes a nível internacional (INEP, 2022).

aplicado. No entanto, pouco investimento, relacionado às demandas de um país continental como o Brasil, pode ser preocupante.

A realidade da Federação Russa talvez caiba como um bom exemplo: dentre os membros estabelecidos da OECD, o país é um dos que tem o menor índice de investimentos com o ensino superior, ou com a educação de forma geral; no entanto, mais da metade da população russa é detentora de um diploma de nível superior. O país remedia a situação, subsidiando alguns dos melhores programas vocativos da eurásia (OECD, 2019). Novamente, a verba é claramente imprescindível, mas segundo a organização, a aplicabilidade é crucial.

Ainda há outros fatores que são comuns em diferentes países, principalmente em regiões consideradas de “renda média” (UNESCO, 2017, p.2, tradução nossa), e que de forma clara, influenciam no avanço da educação superior e no crescimento da comunidade acadêmica. Um desses fatores é o aumento da demanda que se associa diretamente ao “crescente senso de responsabilidade pela igualdade social” (UNESCO, 2017, p.2, tradução nossa), sustentado por políticas e ações governamentais públicas (UNESCO, 2017).

Outro fator é o cuidado com a educação básica, visando a, desde muito cedo, estimular a busca por uma educação que não tão somente abre oportunidades, mas também oportunize as pessoas se prepararem para novas carreiras (UNESCO, 2017). Outra função da educação básica é fomentar o bom convívio em sociedade, o que implica solidariedade, justiça e responsabilidade. Com isso, é função da Educação básica atuar para tornar as pessoas cidadãos, ou seja pessoas criticamente ativas, aptas a construir e intervir socialmente (BRASIL, 2017).

Para romper as desigualdades, as universidades têm recebido estudantes adultos, que não tão há pouco concluíram o ensino fundamental, e estudantes de meio período, que precisam de seus empregos para suprimir suas rendas. Esse público tem colaborado para o crescimento da comunidade acadêmica internacional, graças a variadas mudanças, como universidades de meio período ou cursos online, os grupos atualmente “compõem mais de um terço dos alunos de graduação matriculados” (UNESCO, 2017, p.3, tradução nossa).

No Brasil, mesmo com o aumento de políticas públicas que favorecem o ingresso e permanência de estudantes na universidade; mesmo com a certeza da relevância social/cultural/econômica da universidade e da educação superior, o ensino superior brasileiro está longe do alcance de todos.

Segundo dados levantados pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), no ano de 2017, o número de matriculados no ensino superior, entre as idades de 18-24 anos, alcançou a marca de 4.264.647 estudantes, mediante a uma população de 22.110.866, ou seja, apenas 18% desses jovens encontram-se numa universidade, privada ou pública (G1, 2019).

Segundo relatório elaborado pela OCDE em 2019, o Brasil investe cerca de 5,6% de seu produto interno bruto (PIB) em educação, valor que se encontra acima da média estabelecida (4,4%) dentre os membros e parceiros da OCDE (OCDE, 2019b). Contudo, o investimento em dinheiro, por aluno, continua sendo um dos menores dentre o grupo, formalizando um total de US\$ 3,800.00 considerando os anos iniciais e o ensino médio e de US\$ 14,200.00 na educação superior (OCDE, 2019b).

A verba, no entanto, ainda que não a ideal, não pode ser apresentada como a única causa para o desfalque educacional vivenciado no país (BRASIL, 2018), é necessário repensar a forma **com** que os insumos estão sendo utilizados, ou seja, de que maneira o dinheiro está sendo injetado na educação e qual o resultado disso, ou ainda, de que maneira educação está sendo conduzida na sociedade brasileira.

Em entrevista com o porta-voz do Ministério da Educação (MEC), o ex-ministro da Educação, ressalta o agravante de que o país “tem apenas 8% dos alunos do ensino médio em programas vocacionais” (BRASIL, 2022, web), o que, segundo ele, impacta negativamente o interesse e a permanência nas universidades. O ex-ministro também afirma que “[...] há uma necessidade muito grande de reformar o ensino médio no Brasil” (BRASIL, 2022, web). Isso ressalta que, para alcançar a integralidade das universidades brasileiras, é necessário que tracemos um caminho que, talvez, tenha seu início precedente ao ingresso no ensino superior, urgindo a plenitude e o cuidado de e em todo o processo educacional do cidadão brasileiro.

1.1 A Universidade e a saúde do universitário

Com a finalidade de entender o impacto da universidade na vida do estudante, é necessário compreendermos a realidade acadêmica para além dos livros e do enriquecimento curricular. Isso porque, para maioria dos estudantes, principalmente

quando temos em foco a população jovem, esta é a primeira possibilidade de “ascensão social” (LAMBERT *et al.*, 2018, p.31) e o primeiro contato com um possível “senso de identidade autônomo” (TEIXEIRA *et al.*, 2008, p.187).

A partir do ingresso em uma universidade, seja ela da rede particular, ou uma instituição federal, os estudantes vivenciam mudanças em diferentes aspectos de sua vida, tais quais “sua saúde, alimentação, lazer, práticas culturais, sexuais” (SANTANA *et al.*, 2020, p. 2), ou mesmo em suas relações interpessoais, como com família, amigos e parceiro(s), promovendo e experienciando “transformações sociais, emocionais e culturais” (LAMBERT *et al.*, 2018, p.31) intensas e simultâneas.

Portanto, a nova realidade é sentida de imediato. Em seus primeiros momentos, a universidade exige de seus ingressos recursos intelectuais e emocionais, que, além de bem articuladas, precisam ser flexíveis o suficiente para que ele, por si só, possa não somente adaptar-se a sua nova realidade discente, mas também as suas novas rotinas, competências e demandas (MONTEIRO *et al.*, 2008; PADOVANI *et al.*, 2014).

Autores como Monteiro *et al.* (2008), Padovani *et al.* (2014), Lambert *et al.* (2018), Ariño e Bargadi (2018) e Santana *et al.* (2020) chamam atenção para esse momento no qual os novos estudantes, mesmo os não tão jovens assim, veem-se diante dessas inúmeras transições. Esse processo de transformação da vida pode estar relacionado ao adoecimento ou à evasão, impactando de forma severa toda a vivência da comunidade estudantil.

Isso porque, ainda segundo os diferentes autores, o ciclo de integração é facilmente caracterizado como um período sensível, um processo intenso de desconstrução e construção que acaba se tornando, inevitavelmente, um momento de significativa vulnerabilidade. A depender da abordagem desse ingresso, o contexto pode não só dificultar a adequação do estudante à sua realidade acadêmica, a construção da sua identidade pessoal e profissional: o seu “eu” profissional/social, como também agir como agente estressor, influenciando as condições de saúde, causando “danos aos aspectos físico e/ou psicológico e consequentemente ao seu adoecimento” (LAMBERT *et al.*, 2018, p. 31).

Mesmo que esse momento transitório possa ser percebido de diferentes maneiras pelos estudantes, tendo assim seu impacto variável, segundo a subjetividade dos mesmos (SANTANA, 2020), Monteiro *et al.* (2008) contabilizam

que a porcentagem de alunos que experencia negativamente o impacto do período adaptativo chega à casa dos 40%. E, embora comumente não caracterizemos o estresse por si só como adoecimento, a exposição recorrente e prolongada a ele está intrínseca ao desenvolvimento de males prejudiciais à saúde física, mental e mesmo emocional do estudante, podendo afetar diretamente sua cognição e seu comportamento (MONDARDO; PEDON, 2005).

A pesquisa conduzida por Ariño e Bargadi (2018, p.44) reforça que “cerca de 15 a 25% dos universitários irão apresentar algum transtorno mental durante sua formação”. Os transtornos mentais ligados ao estresse, ansiedade e depressão, neste público, são muito mais frequentes do que na população de forma geral. Sobre essa situação, Santana *et al.* (2020, p.2) explicam que há características pessoais e contextuais que são potencializadas pela vida na universidade: “[...] má qualidade do sono; doenças cardiovasculares; aumento do consumo de álcool e outras drogas; maus hábitos alimentares; vulnerabilidade sexual, entre outros”.

Não necessariamente todo o sofrimento ou adoecimento universitário é oriundo do período inicial. A permanência na universidade é marcada por pesada carga emocional, imensuráveis novas demandas, excessivas expectativas concebidas, sejam elas pessoais ou parentais, ou provindas da idealização da vida acadêmica/profissional podem se tornar aspectos ímpares no processo de adoecimento (CAIXETA; ALMEIDA, 2013; AZEVEDO, 2019).

E quando falamos dessas idealizações, é inviável que deixemos de mencionar o peso que o capitalismo da sociedade moderna tem diante do processo de adoecimento do jovem universitário. Isso porque vivemos um momento onde “mudanças de curso seminais e intimamente interconectadas, criam um ambiente novo e de fato sem precedentes para as atividades da vida individual, levantando uma série de desafios inéditos” (BAUMAN, 2007, p. 7).

Dentre as estruturas e realidades sociais atuais, existe a sensação constante de instabilidade e incerteza que são completamente pertinentes à liquidez moderna e ao futuro dúbio que parece natural a ela. A constante reestruturação de constructos, realidade e condutas sociais são rápidas e incoercíveis, exigindo flexibilidade e diligência daqueles que não querem ser deixados para trás (BAUMAN, 2007).

A noção de descartabilidade que acompanha os ideais capitalistas cerceiam as expectativas e perspectivas de vida das pessoas, principalmente as mais jovens, que se veem quase impotentes diante das duas únicas possibilidades:

o “sucesso” que implica na **utilidade** que esta pessoa tem (os serviços que ela é capaz de prestar dentro do sistema que está inserida), ou o “fracasso”, onde o desvio do padrão considerado atualmente como normal, leva a pessoa a ser pintada como “excedente populacional” (BAUMAN, 2007, p.39).

O autor ainda continua, criticando a concepção de pessoa como “lixo humano” (BAUMAN, 2007,p.34) que, de forma impiedosa, é posto à margem da hegemonia global (BAUMAN, 2007).

Ademais, essa é a ideologia que regularmente associa o sucesso ao “[...] sacrifício, perseverança e trabalho duro” (AZEVEDO, 2019, p.36). Com isso, a projeção desse ideário, na realidade acadêmica, cria um ambiente que normaliza o sofrimento (AZEVEDO, 2019) e amortece a disseminação de problemas psicoafetivos (PADOVANI *et al*, 2014), tomando a perversa postura de atribuir às adversidades experienciadas na vida universitária o caráter de “natural” ou ainda, benéfico ao desenvolvimento e formação do estudante (AZEVEDO, 2019), abstendo o indivíduo de “diversos prazeres para atingir um objetivo maior” (SANTANA *et al.*, p.8), negligenciando o bem-estar do mesmo em detrimento de outras demandas.

O esforço contra o domínio capitalista, que se disfarça nas dificuldades dos estudantes mediante suas novas atribuições, as constantes avaliações e as pesadas cargas horárias de trabalho, que, em inúmeros casos, colidem com os momentos de estudo (SANTANA *et al*, 2020) influenciam negativamente os sentimentos iniciais de conquista e entusiasmo fundados na idealização do desenvolvimento profissional e pessoal. Assim, em um momento que não pode ser facilmente determinado, passam a ser a base das sensações de descontentamento e frustração frente à realidade universitária (AZEVEDO, 2019).

Os estudantes veem-se, muitas vezes, privados de uma rotina alimentar, carentes de sono regulado, e compelidos ao uso de medicações ou drogas lícitas, como café e energéticos naturais/artificiais, para mitigar a pressão sentida mediante seus desempenhos, enquanto lutam pela própria permanência na universidade, mediante problemas financeiros, pedagógicos ou “simbólico-subjetivos” (SANTANA *et al*, 2020. p.9), ou ainda, com as próprias informações de suas escolhas em meio ao caos (SANTANA *et al*, 2020).

A violência dos princípios capitalistas não afeta somente a relação instituição-aluno, ou a relação aluno-ele mesmo, mas, também, a relação aluno-aluno. As pressões da competição não estão ausentes no espaço acadêmico. Com isso, elas estancam os cenários de solidariedade, excluindo “a possibilidade de uma segurança existencial que se baseie em alicerces coletivos” (BAUMAN, 2007, p.20), estimulando ações individuais e solitárias, que nem de longe são suficientes para lidar com “problemas socialmente produzidos” (BAUMAN, 2007, p. 20).

Estudantes, que fizeram parte da pesquisa realizada por Santana *et al.* (2020), elucidam como a relação entre os pares pode ser complicada e de pouco companheirismo quando é concebida mediante tamanha competitividade. A sensação criada socialmente de caminhar em meio a rivais extingue as relações de companheirismo e amparo, desgastando o “capital social” (SANTANA *et al.*, 2020, p.10) e a saúde dos estudantes.

Costa e Leal (2008) chamam atenção para a importância que esta troca com os pares tem durante o período de formação. O suporte social é caracterizado como um dos melhores artifícios contra os altos níveis de estresse aos quais os universitários podem estar submetidos. As interações entre pares são ações protetivas e promotoras de saúde. Elas podem agir de maneira a proporcionar ao indivíduo apoio emocional e oportunidade de partilha que tendem a gerar o sentimento de respeito e compreensão, combatendo os efeitos nocivos do estresse ao corpo (PADOVANI *et al.*, 2014).

As autoras também destacam que o contato com a família, amigos, e, especialmente, com colegas, professores e com a instituição em si, é imprescindível para a manutenção da saúde mental do estudante e para a melhor adaptação do mesmo. Afinal, embora caminhe para sua autossuficiência, nos momentos de incerteza, o estudante precisa sentir-se plenamente amparado para fazer escolhas, sanar dúvidas e para pedir ajuda caso sinta a necessidade (COSTA; LEAL, 2008).

Na última década, temos percebido que a frequência do adoecimento universitário é crescente e, de forma alguma, pode ser tratada de maneira irrisória, exigindo das universidades medidas não só de intervenção, mas também de prevenção (ARIÑO; BARDAGI, 2018; PADOVAI *et al.*, 2014), buscando de forma sucinta pôr fim à prática de confundir ou ignorar os sintomas, evitando a generalização ou até o agravamento de quadros por “uma identificação tardia ou um tratamento inadequado” (PADOVAI *et al.*, 2014, p.3).

Contudo, hodiernamente, a problematização e combate dessas práticas encontram-se em um processo paulatino de institucionalização, esforçando-se para dar fim ao movimento inicial que culpabiliza o estudante, ao invés de suportá-lo (SANTANA *et al.*, 2020). Conjuntamente, é justo evidenciar, novamente, que os problemas vivenciados dentro da universidade não estão, de forma alguma, isolados da realidade para além dela, logo, pedir que as instituições tomem ações efetivas que resolvam, terminantemente, de forma isolada situações advindas de problemas globais, é de desmedida ingenuidade, afinal: “não há nem pode haver soluções locais para problemas originados e reforçados globalmente” (BAUMAN, 2007, p. 31).

O que claramente não isenta as instituições de ensino superior de suas devidas responsabilidades. As universidades, embora lentamente, precisam perseverar em seu processo de mudança interna, associadas principalmente no rompimento de concepções tecnicistas. É preciso valorizar concepções interacionistas de desenvolvimento humano e social que permitem conceber e aplicar metodologias de ensino que visam promover não somente a cognição, mas, também, o desenvolvimento de recursos emocionais e sociais (SANTANA *et al.*, 2020), criando “uma dimensão mais humanizada das relações pessoais, que leva em consideração a multidimensionalidade dos sujeito” (SANTANA *et al.*, 2020 p.7).

Todavia, mediante a longevidade que o processo de adequação pode vir a ter, e entendendo a dimensão da vulnerabilidade vivenciada pelo discente neste período de sua vida e a influência do estresse emocional e das adversidades na saúde mental/física desses universitários, precisamos, de forma dedicada e assídua, nos questionar: como esse adoecimento ou possível adoecimento afeta o desempenho acadêmico de nossos estudantes?

Categorizando e distinguindo peremptoriamente fatores que predisõem, de alguma forma, o bem estar da comunidade estudantil, (PADOVANI *et al.*, 2014; COSTA, LEAL, 2008), diligenciando formas de combate e enfrentamento a fim de preservar a coletividade universitária como patrimônio e investimento nacional em termos sociais, culturais e econômicos ao mesmo tempo que resguardamos a integridade e o bem estar da mesma (PADOVANI *et al.*, 2014).

2. Saúde, pandemia e desempenho acadêmico

Partindo da compreensão de que a saúde constitui-se de um fundamento que determina o bem estar físico, mental e social, considerando as especificidades de cada sujeito (SEGRE; FERRAZ, 1997), entendemos que saúde não é ausência de doença, mas o bem estar integral do indivíduo (SEGRE; FERRAZ, 1997). Assim, os aspectos fundamentais da saúde do ser humano passam a ser identificados, considerando o indivíduo em sua totalidade (VIANNA, 2006). Há uma relação direta entre a subjetividade das pessoas e determinantes biológicos, psicológicos e sociais. Em face dessa reflexão, podemos concluir que fatores sociais transformadores da comunidade a qual o indivíduo está inserido, influenciam de modo condicional e relativo o processo saúde-doença do sujeito (SEGRE; FERRAZ, 1997; VIANNA, 2006).

É importante ressaltar que, ainda baseado em um contexto cultural, nota-se certa redundância e estigma social voltado a uma definição negativa sobre saúde, a qual estabelece uma norma que classifica um estado de bem estar não pelo o que se apresenta, mas, sim, pelo o que se torna por não apresentar critérios determinados pelo conceito; saúde como ausência de doença (MACEDO, 2019). Cria-se uma influência dentro da sociedade em relação aos parâmetros que correspondem à doença, associando-a à dor e ao sofrimento de modo individual como também generalizado. Reforçadores desse pensamento fazem parte de um contexto social embasado em conhecimentos clínicos e intervenções tecnológicas que contribuem com o processo de cura e ratifica o modo de pensar social, o qual resulta numa percepção de que o bem-estar é “não estar doente”, alinhando e contribuindo para uma percepção que, apesar de subjetiva, é limitador (VIANA, 2006).

O conceito desencadeou-se vigorosamente no período de pandemia, evento que teve início no fim de dezembro de 2019 (RODRIGUES *et al.*, 2020). A Pandemia da Covid-19 evidenciou, por meio de consequências advindas do isolamento social, os efeitos de saúde conforme o critério de bem-estar biopsicossocial, em que, além da saúde biológica, um indivíduo é considerado

saudável, de acordo com definições recentes da Organização Mundial da Saúde quando “realiza suas próprias habilidades, pode lidar com o estresse normal da vida, trabalhar produtivamente e é capaz de contribuir com sua comunidade” (PEREIRA *et al.*, 2020, p. 5).

As consequências das medidas restritivas, essenciais para o combate da transmissão do vírus, causaram alterações severas nos hábitos de vida das pessoas (PEREIRA *et al.*, 2020). Os efeitos de uma tentativa, muitas vezes frustrada de preservar, principalmente, a saúde mental e social, acentuou aumento no consumo de álcool e tabaco, sedentarismo, além da diminuição da prática de atividade física e aumento do tempo em frente a telas e da ingestão de alimentos ultraprocessados (RICO-GALLEGOS *et al.*, 2020 tradução nossa; LIMA *et al.*, 2020; RODRIGUES *et al.*, 2020). Um novo estilo de vida, adotado com objetivos subjetivos, tornou-se um mecanismo que exigiu adequação de uma metodologia sem um manual de instruções (OLIVEIRA, JUNIOR, 2020) em que, ao passo que é adotado como estratégia de amparo à saúde, provoca piora no modo de viver, acarretando o aumento de comportamentos de risco à saúde (BEZERRA *et al.*, 2020; MALTA *et al.*, 2020).

Para além disso, vale acrescentar que o estilo de vida, não somente estende-se a hábitos alimentares, práticas de exercícios e lazer, mas também à manutenção das ações educacionais. Estas foram alvo de consequências severas, porque nenhuma instituição de ensino estava pronta para a interrupção de suas atividades de forma abrupta, por tempo indeterminado, gerando incertezas diversas.

Entre o fechamento das escolas e universidades e o estabelecimento da modalidade ensino remoto emergencial, profissionais das diferentes áreas da educação e estudantes sofreram com o desconhecimento de uma modalidade de ensino criada para dar suporte ao processo educacional em tempos de isolamento social. Esse contexto exigiu novos planejamentos e técnicas que viabilizassem o processo educacional fora do espaço físico da escola. Para isso, o uso e a adequação de tecnologias foram indispensáveis, tendo em vista que a educação remota foi a modalidade de ensino desenvolvida para garantir a continuidade do processo educacional dos estudantes (RODRIGUES *et al.*, 2020).

Além dos efeitos negativos provocados por esta transição, como dificuldades distintas e particulares em relação a uso e acessibilidade de equipamentos tecnológicos e conexão com redes de internet (ALVES *et al.*, 2020), destaca-se

questões psicológicas, motivacionais, de integração social e acadêmica dos estudantes (MORALES; LOPEZ, 2020; NUNES, 2021). Alguns estudos sinalizam que “os efeitos psicopatológicos, associados à quarentena e ao isolamento social” (RODRIGUES *et al.*, 2020, p. 3) foram inúmeros, muitos ligados a sintomas de “depressão, ansiedade e estresse” (SCHMIDT *et al.*, 2020, p.3), juntamente a possíveis situações de adoecimento físico e possíveis problemas financeiros (ALVES *et al.*, 2020). Esses efeitos têm sido grandes reforçadores negativos no rendimento escolar/acadêmico.

Quando, dentro de uma instituição de ensino superior, os estudantes já se veem constantemente frente a situações que exigem flexibilidade e maturidade, e que são, em sua maioria, grandes fontes de estresse e ansiedade, os efeitos dessas experiências associados a um contexto pandêmico tendem a ser ampliados. Frente a uma crise de saúde mundial, esses níveis passaram a ser mais altos, afetando diretamente o desenvolvimento dos indivíduos: “além de interferir no percurso acadêmico, diminuindo o rendimento escolar e aumentando a taxa de abandono” (MORALES; LOPEZ, 2020, p. 57).

É fundamental refletirmos sobre as condições de estudo que esses estudantes passaram a viver (ALVES *et al.*, 2020). No contexto atual, em que a situação da pandemia é diferente em cada estado e em cada nação, mapear as consequências da situação de isolamento em universitários é uma investigação necessária. Mais que isso, entender que as consequências da pandemia ainda podem perdurar por um longo período (RODRIGUES, 2020) é essencial para o desenvolvimento de estratégias que promovam saúde no contexto da universidade.

3.Contextualizando a amostra: Planaltina, FUP e a periferia na Universidade

A seguinte pesquisa tem como cenário a Faculdade UnB Planaltina (FUP), campus da Universidade de Brasília (UnB), situado na região administrativa de Planaltina, no Distrito Federal (DF), área mais antiga que a própria capital. Planaltina comemora, em 2021, seus 162 anos de idade.

A cidade é rica em histórias e tradições, com patrimônios históricos, artísticos e culturais que preservam e contam um pouco do passado em meio a

modernização, sinalizando o respeito do povo para com sua própria trajetória (GOMES, 2020).

O campus, não tão antigo quanto a própria cidade, foi fundado em maio de 2006 (UNB, 2018). De acordo com o “plano de expansão”, sua concepção se dá a partir de 2005, quando a partir do monitoramento de “transformações socioeconômicas e culturais nos diferentes contextos da região administrativa”(GOMES, 2020, p.53) do “Distrito Federal e na Região Integrada de Desenvolvimento do Entorno - RIDE” (NERES, 2015 p.18), a UnB se vê propícia a ampliar-se no intento de descentralizar a educação superior e resguardar o direito à educação dos moradores do entorno (CASIMIRO, 2020).

A Faculdade UnB Planaltina, ou FUP, como comumente é chamada, foi o primeiro campus fora da sede. Em seguida, tivemos a Faculdade UnB Ceilândia (FCE) e Faculdade UnB Gama (FGA) (UNB, 2005).

Nos semestres iniciais, o campus de Planaltina contava com um corpo docente de dez professores, que conduziam os dois únicos cursos disponíveis: Licenciatura em Ciências Naturais e Bacharelado em Gestão de Agronegócio, ambos ofertados no turno da manhã (NERES, 2015). A partir de 2007, a FUP expande-se e começa a ofertar outro curso, Licenciatura em Educação do Campo, e somente em 2008, o campus passa a ofertar cursos noturnos, Licenciatura em Ciências Naturais noturno e Gestão Ambiental (NERES, 2016; CASIMIRO, 2020).

A ampliação dos cursos ofertados está diretamente relacionada à adesão da universidade ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) (BRASIL, 2007). Assim, apoiada nesta adesão, a faculdade experimenta crescimento considerável tanto de seu espaço físico quanto de seus corpos docente e discente (NERES, 2015; CASIMIRO, 2020).

Atualmente, a FUP chega à marca de 116 professores, 52 servidores técnico-administrativos e 1088 alunos regulares (UNB, 2021).

A cidade de Planaltina, vista sobretudo como uma região predominantemente pecuária e agrícola, tem seu maior valor econômico no setor primário (GOMES, 2020). Neste contexto, a FUP, ainda que sem “uma temática acadêmica claramente definida” (BIZERRIL; LE GUERROUÉ, 2012, p. 27), dialoga com essa realidade, trazendo em seus cursos temas relativos “à ciência, ao meio ambiente, ao trabalho, à organização sociocultural e terra” (UNB, 2021, p. 5), o que, de forma alguma, limita o campus ou dá a ele um caráter tecnicista. Muito pelo contrário, de acordo

com o próprio corpo administrativo, o objetivo primário da FUP é “a formação em perspectiva emancipatória, a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, o diálogo com a sociedade, o incentivo ao trabalho coletivo e a sustentabilidade” (UNB, 2021, p. 5).

Afinal, ainda que majoritariamente a cidade de Planaltina seja vista de forma agrícola, a região administrativa cresce socialmente e industrialmente tal qual outras regiões do DF, trazendo consigo uma comunidade que busca, de várias maneiras, se afastar do meio rural e se adequar aos avanços irrefreáveis que são ditados como normais, o que muitas vezes implica crescimento rápido, mas desordenado e desigual (CAVALCANTE, 2010).

Têm-se a partir de um determinado momento a população de Planaltina que afasta-se vigorosamente da comunidade tradicional” (ANDRADE, 2007) quando pensamos em “socialização” e “sociabilidade” (ANDRADE, 2007). A periferia começa a tomar força e forma, acompanhada de um histórico de crescimento saturado de violência, pobreza e desigualdade; as regiões que crescem independentes das áreas tradicionais da cidade, nos anos iniciais, eram publicamente reconhecidas como “‘depósitos’ de pobres, de casas de trabalhadores decadentes e grupos marginais de indivíduos” (BAUMAN, 2003 *apud* MOREIRA, 2013, p. 24).

É um estigma que cria ou só mesmo reforça condições de exclusão social, que se baseiam numa narrativa generalizada e deturpada sobre um grupo ou um lugar tido unicamente como um grande cenário de matança e desamor; marcando não somente a maneira como as outras pessoas percebem o indivíduo que ali vive, mas também a percepção que o próprio indivíduo tem de si (MOREIRA, 2013).

Essas narrativas e práticas impõem separações, constroem muros, delineiam e encerram espaços, estabelecem distâncias, segregam, diferenciam, impõem proibições, multiplicam regras de exclusão e evitação, e restringem movimentos. Em resumo, elas simplificam e encerram o mundo (CALDEIRA, 2000 *apud* MOREIRA, 2013, p.26).

Cria-se, então, a perspectiva de dois mundos totalmente diferentes, separados, por menos de quarenta minutos de viagem: Planaltina e Plano Piloto, onde um é terra sem-lei, antro de violência, pobreza e desigualdade e o outro é nicho de famílias totalmente favorecidas socialmente e financeiramente, fachada ideal para a alegoria da vida impecável na capital (MOREIRA, 2013). A distinção da

situação socioeconômica dentro do “regime de competição” (SILVA, 2001, p.297) incide na dessemelhança de oportunidades, sejam elas, educacionais, profissionalizantes, culturais ou mesmo pessoais.

Dentro dessa perspectiva, trazer um campus da Universidade de Brasília para uma região fortemente marcada pelo espúrio sentimento de inaptidão, impacta profundamente toda a dinâmica social, econômica e cultural da área (GOMES, 2020; NERES, 2015). A vinda do campus, além de trazer consigo diferentes oportunidades de emprego, também é responsável por um considerável desenvolvimento social e cultural, com eventos, projetos de extensão, palestras, exposições, aulas e etc, que, de forma direta, interagem e comunicam-se com a comunidade adjacente.

A instauração desse diálogo com a população, envolvendo-a na construção e no dia-a-dia do campus (BIZERRIL; GUERROUÉ, 2012) muda todo um conjunto de “expectativas da comunidade local” (GOMES, 2020, p. 58).

O campus da FUP aproxima o jovem do sonho que pode ser a entrada no ensino superior. A partir da descentralização da Universidade de Brasília, o jovem planaltinense apropria-se daquilo que, até então, era reservado aos residentes do Plano Piloto, a possibilidade de entrar no ensino superior em uma instituição próxima de si, não só fisicamente, mas, também, culturalmente. Trata-se de um lugar em que se está imerso e que compreende sua realidade, propondo mudanças e oferecendo recursos sociais que viabilizam seu desenvolvimento em agente transformador.

Entretanto, a aproximação do jovem e da universidade por si só não são suficientes, afinal é importante termos em mente que a educação não é uma atividade isenta da realidade social, e, de forma alguma, está imune a propagar a percepção/o sentimento de exclusão. Em território brasileiro, a “desigualdade de escolarização entre classes sociais” (SILVA, 2010, p.156) é um problema quase palpável, e ainda que fundadas diferentes “políticas públicas de corte social” (ZAGO, 2006, p. 226) existe uma linha de omissão governamental para com as escolas públicas de educação básica (SILVA, 2001; MARTINS; LEGNANI, 2018) que impossibilita o ensino de alcançar genuína equidade e atingir significativamente os “segmentos mais pobres e vulneráveis da população” (MAGALHÃES *et al.*, 2007, p.1416).

Mesmo que sob intenso processo de democratização do acesso (NIEROTKA; TREVISOL, 2016), a desigualdade e a omissão governamental ainda nos anos iniciais atingem diretamente o ensino superior brasileiro que é praticamente indissociável da imagem classicista que o assola; os egressos escolares de instituições de ensino básico privadas assumem-se como maioria dentro das faculdades públicas mediante o fato de que o nível das exigências para o ingresso na educação superior pública são, em sua maioria, incompatíveis com os níveis do ensino básico público (SILVA, 2001).

Infelizmente, ainda existe muita influência do princípio liberal da meritocracia sobre a perspectiva do sucesso acadêmico (MELO, SOUSA, 2009), a ideia romantizada de “casos atípicos” ou “trajetórias excepcionais” (ZAGO, 2006, p. 226), que tratam estudantes periféricos ou desfavorecidos economicamente, que, entre trancos e barrancos, são forçados a desenvolverem por si só “estratégias integradoras que se contrapõem ao processo de exclusão” (ZAGO, 2006, p. 227), vendo em si a obrigação de solucionarem individualmente problemas globais (BAUMAN, 2007). Este aspecto é fundamental para o viés deste trabalho, pois, mais do que nunca, dialoga com o desgaste emocional e físico da pessoa periférica dentro do contexto acadêmico.

O aluno periférico não somente precisa se preocupar com o processo de ingresso em uma universidade, ele precisa, também, desdobrar-se para manter-se nela (OSSE, COSTA, 2011). Além de enfrentar junto aos outros colegas todo o processo de transição e adaptação, que, como dito anteriormente, são demasiadamente árdios e cansativos (MONTEIRO *et al.*, 2008; PADOVANI *et al.*, 2014; LAMBERT *et al.*, 2018; ARIÑO; BARGADI, 2018; SANTANA *et al.*, 2020), o jovem em situação econômico-social desfavorecida ainda precisa atentar-se a necessidades mínimas de permanência (SANTOS; MARAFON, 2016), como: alimentação, transporte, moradia, creche, assistência médica, assistência psicossocial e emocional e apoio pedagógico (OSSE; COSTA, 2011; SANTOS; MARAFON, 2016).

Caso a instituição não possa propiciar estruturas que ofereçam o amparo necessário, o estudante é posto frente a duas possibilidades: encontrar maneiras alternativas de suprir-se, geralmente, elegendo-se a jornada dupla como trabalhador e estudante, muitas vezes, abdicando-se da imersão no contexto universitário, o que o leva a renunciar atividades acadêmicas de ordem social e cultural, como

congressos, simpósios, festas, palestras e etc (LEAL *et al.*, 2019; ZAGO, 2006) ou abrir mão da oportunidade de ensino frente à necessidade básica de sobrevivência. A evasão ainda apresenta proporções significativas. Segundo Caixeta e Almeida (2013), os níveis de acesso ao ensino superior realmente aumentaram, porém, em contra-mão, "[...] o percentual de alunos concluintes não variou em escala proporcional aos ingressos" (p. 27.103).

O fator socioeconômico como condicionante da evasão universitária fica mais evidente com a análise do perfil socioeconômico dos estudantes brasileiros. De acordo com a pesquisa do FONAPRACE (2014), cerca de 51,5% dos estudantes têm renda familiar de até 3 salários mínimos, 38,5% têm moradia de aluguel, 53,8% utiliza transporte público coletivo para ir até a universidade, e somente 33,5% participa de alguma atividade acadêmica remunerada (LEAL *et al.*, 2019, p. 63).

No entanto, a falta de garantia da permanência é mais forte dentro desses grupos de vulnerabilidade socioeconômica, ou ainda, o de "minorias étnicas" (SANTANA *et al.*, 2020) não só pelas dificuldades de aspectos econômicos, mas também pelos desafios pedagógicos (OSSE; COSTA, 2011) e "simbólico-subjetiva" (SANTANA *et al.*, 2020, p.10), atrelados respectivamente a suas relações "meio estudantil" (ZAGO, 2006, p.228) e com o "seu meio de origem" (ZAGO, 2006, p.228). Advindos, em sua grande maioria, da escola pública, falta entre os estudantes periféricos experiências culturais e sociais suficientes para lidar com certas provocações e adversidades postas pela universidade. Em diferentes momentos, as exigências feitas no espaço acadêmico são de um nível de eruditismo completamente incondizente com a realidade do estudante que foge ao padrão "elitizado e culto" (SANTANA, *et al.*, 2020 p.10).

Antes mesmo da entrada na universidade, mediante a lacuna estabelecida pelo déficit da educação, já paira sobre os estudantes universitários periféricos a baixa-autoestima em vista de suas conquistas (ZAGO, 2006); então, quando inserido no contexto educacional e posto frente a essas situações que põem em xeque suas competências e aptidões, é difícil que não se estabeleça o sentimento de exclusão ou não pertencimento (VENTURINI, GOULART, 2016). Esse sentimento, junto à desigualdade socioeconômica, somados ao fato de que os estudantes estão agora inseridos em um contexto totalmente inédito, saturados de novas adaptações de rotina e de círculos sociais, atulhados em novas exigências e demandas pessoais/institucionais (VENTURINI; GOULART, 2016), resulta,

comumente, na “formação de sintomas não só físicos, mas também emocionais” (OSSE; COSTA, 2011, p. 116).

Além do mais, é comprovado cientificamente que esses sintomas são ainda mais corriqueiros em estudantes que, durante o percurso de sua vida, veem-se diante de situações adversas de origens variadas. Ainda que os eventos tenham acontecido antes do ingresso universitário ou fora do âmbito escolar/educacional, eles deixam o estudante numa posição vulnerável quanto a manifestação de sintomas e o desenvolvimento de transtornos, como ansiedade, depressão e outras formas de adoecimento mental (OSSE, COSTA, 2011; 2013).

Então é correto afirmarmos que a desigualdade socioeconômica e o sentimento de marginalização são categóricos no desenrolar do adoecimento mental de jovens universitários de origem periférica; e não somente, também é possível constatar que a situação funciona de forma cíclica: a desigualdade e exclusão causam o adoecimento, quase na mesma proporção que o adoecimento causa a desigualdade e a exclusão, como na imagem esquemática (ver figura 1), a seguir, proposta pelo Dr. Bruce Dohrenwend (1992), professor de ciências sociais do departamento de psiquiatria da universidade Columbia, nos Estados unidos:

Figura 1: Esquema de circularidade entre a doença e a marginalização



Fonte: Dohrenwend *et al.* (1992 *apud* VENTURINI; GOULART, 2016, p. 97).

Frente à realidade que este trabalho propõe, é fundamental que ressaltemos como a pandemia da Covid-19 enfatizou a desigualdade entre as pessoas no território brasileiro, principalmente, no que diz respeito ao quesito educação (OLIVEIRA, JÚNIOR, 2020). Diante da implementação urgente de atividades remotas, deparamo-nos com o primeiro agravante: a “exclusão digital” (STEVANIM, 2020, p. 11).

Em se tratando de grupos desfavorecidos, como os estudantes rurais, indígenas, quilombolas e periféricos, o acesso à internet e/ou às tecnologias de comunicação pode ser escasso ou ainda inexistente.

Barbosa et al (2020) observaram em pesquisa junto a professores universitários que 79% dos docentes não receberam nenhum suporte financeiro das instituições em que atuam para adquirir o equipamento necessário para a oferta das aulas remotas. Carneiro et al (2020) ainda colocam como um dos grandes desafios o acesso à internet, que apesar de estar presente em 67% dos domicílios brasileiros muitas vezes não é de alta velocidade. Dados da pesquisa TIC Domicílios 2019 mostrou que 92% da classe média está conectada, no entanto apenas 48% da população de baixa renda têm algum tipo de acesso à Internet, quase sempre via celular (NUNES, 2021, p.2).

Ainda existem os casos de estudantes que, de forma alguma, puderam de fato estar isolados, por serem provedores dentro de seu lar e pela ajuda governamental não ser suficiente, muitos não tiveram a oportunidade de se resguardar e continuaram suas jornadas duplas de estudantes e trabalhadores, formais ou não (DIAS *et al.*, 2020). Essas condições significavam se expor constantemente ao risco do adoecimento, o que por si só cria medo, estresse e ansiedade constante, que impactam diretamente no desempenho estudantil (MOLARES; LOPEZ, 2020).

Dentro desse espectro, é difícil imaginarmos que essas pessoas tenham tempo para rituais de autocuidado; exercícios físicos, boa alimentação e suporte psicológico da família e/ou de profissionais. Elas são colocadas em segundo plano frente à necessidade de sobrevivência, gerando repercussões psicossociais em múltiplos aspectos da vida do indivíduo (ROCHA *et al.*, 2020) o que, também, implica, categoricamente, a maior predisposição ao adoecimento mental e, em muitos casos, físicos (GARRIDO; RODRIGUES, 2020).

Tendo todo esse contexto em mente, a seguinte pesquisa encontrou maior valor ao ser desenvolvida inteiramente no espaço da Faculdade UnB Planaltina, campus onde se pressupõe a convergência de diferentes situações de exclusão que tendem a ser facilmente encontradas em meio a uma comunidade predominantemente marginalizada. Também se busca descentralizar o foco que, majoritariamente, recai sobre o campus Darcy Ribeiro, dando voz a uma minoria, que não necessariamente representa a menor parcela da sociedade.

4. Metodologia

O presente estudo consiste em um trabalho de conclusão de curso, elaborado no processo de formação de um graduando de Licenciatura em Ciências Naturais, que tem por intuito entender o impacto que a saúde mental tem sobre o desempenho acadêmico de estudantes universitários em tempo de pandemia. A pesquisa consiste num estudo quanti-qualitativo que utiliza e analisa perspectivas subjetivas no intuito de fazer levantamentos numéricos que dialogam com posicionamentos em uma coletividade (FIIGUEIREDO *et al.*, 2013). Pela situação pandêmica e com as atividades presenciais ainda suspensas, todo e qualquer contato com os possíveis participantes ocorreu de maneira remota.

A coleta dos dados foi feita por meio de um questionário semi-estruturado, elaborado pelos pesquisadores, criado e disponibilizado pela plataforma online do *Google forms*. O questionário em si foi disponibilizado aos estudantes durante uma semana e .

O questionário (apêndice A), foi dividido em três seções: a primeira referente às características sociais dos entrevistados, como: gênero, idade, renda per capita, raça/etnia, o curso e etc; a segunda seção baseou-se em questões voltadas à saúde do estudante e seu desempenho acadêmico no momento anterior à pandemia; já a terceira seção se referiu aos aspectos de saúde e desempenho acadêmico do estudante durante a pandemia ou no período pós-pandêmico. Os links foram disparados em grupos de *whatsapp* da universidade, em grupos de facebook, e disparados pelo email da comunicação interna da FUP.

A primeira seção foi proposta, possibilidades de respostas estruturadas, em um sistema de resposta de múltipla escolha. Também havia perguntas que permitiam respostas subjetivas curtas. As seções dois e três, que são similares e dividem algumas perguntas em comum, deveriam ser analisadas a partir de uma escala *Likert* com uma escala de concordância de 1 a 5, na respectiva ordem: 1- Concordo totalmente; 2 - Concordo; 3 - Neutro; 4 - Discordo; 5 - Discordo totalmente. O modelo desenvolvido por Rensis Likert é considerado de fácil aplicação frente à simplicidade de seu manejo pelos participantes da pesquisa. Pela escala, os participantes podem emitir algum “grau de concordância sobre uma afirmação qualquer” (JÚNIOR; COSTA, 2014, p. 4; ANTONIALLI 2016).

A facilidade envolvida no processo de forma alguma prejudica sua credibilidade, a escala Likert é uma ferramenta psicométrica frequente em estudos que visam medir construtos e variáveis latentes como depressão, ansiedade e autoestima (JÚNIOR; COSTA, 2014; RODRIGUES, 2020).

5. Resultados

Os participantes da seguinte pesquisa compõe-se de 24 estudantes universitários: 9 homens cis, 11 mulheres cis, 1 mulher trans e 3 pessoas não-binárias, com 17 participantes na faixa dos 18-35 anos, 5 participantes na faixa dos 26-35 anos e 2 participantes na faixa dos 45-55 anos, 66,7% deles estudantes de Licenciatura em Ciências Naturais, 24% alunos de Gestão Ambiental e 12,5% discentes de Gestão de Agronegócio. A título do direito ao anonimato, os participantes não tiveram seus nomes, ou seus e-mails revelados ou compilados.

Considerando as respostas, observou-se que 80% dos participantes são residentes da cidade de Planaltina; enquanto os outros 20% são moradores da região administrativa de Sobradinho.

No que se refere à etnia e raça, a predominância dentro da amostra é parda e negra (69,6%). Quanto à moradia, foi a mesma proporção para residências alugadas e próprias quitadas (36%). Com relação a com quem habitam, 70% deles viviam com família (pais, irmãos, cônjuges, filhos e etc).

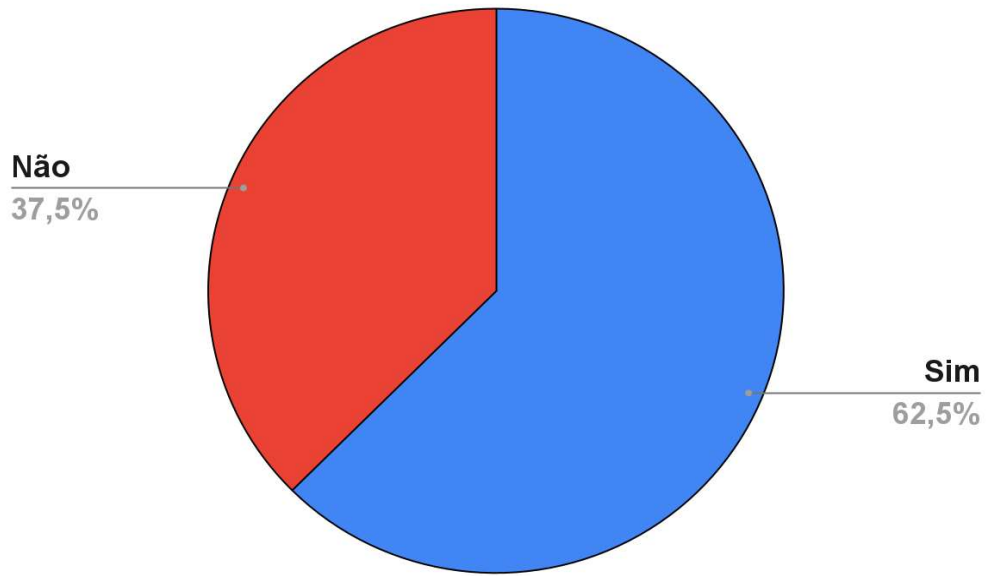
Quanto à renda per capita, ela variou, majoritariamente, entre um salário mínimo (41,7%) e maiores que um salário mínimo (54,1%).

Os egressos escolares são, majoritariamente, vindos de escola pública, também numa porcentagem de 80% para 20%; dos participantes 87,5% estão passando pela sua primeira graduação.

No que se diz respeito a auxílios financeiros, 72% dos respondentes não recebem qualquer forma de auxílio governamental e 41% deles não recebem auxílios universitários, ainda assim, 54,2% da amostra vive a jornada dupla (estudo-trabalho) enquanto 45,8% não.

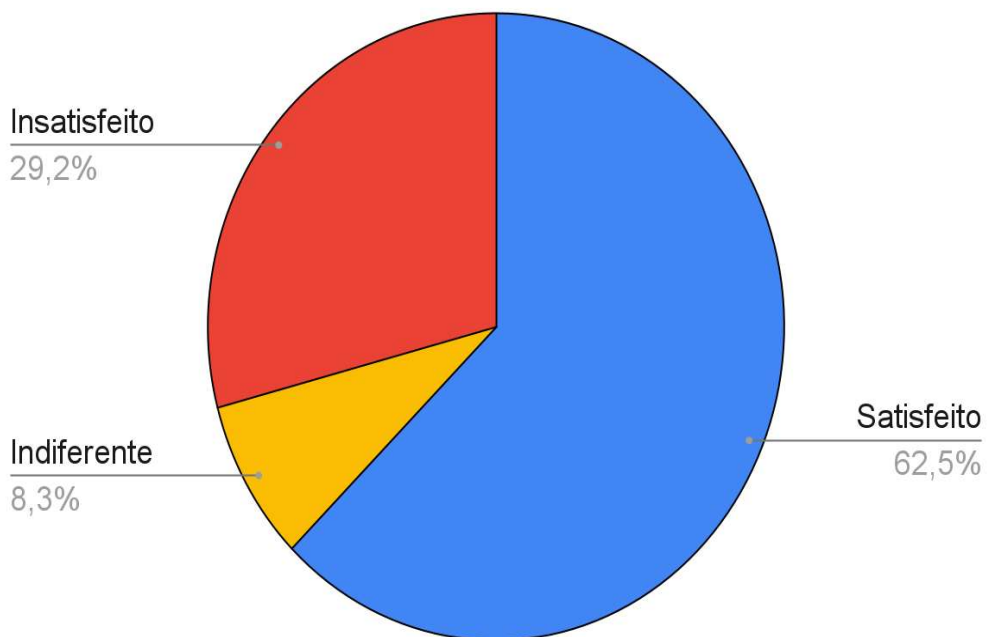
Sobre os questionamentos a respeito de suas escolhas de curso, suas satisfações com o mesmo e suas intenções de atuar na área, organizamos as informações nas figuras 2, 3 e 4.

Gráfico 1. Esse curso foi sua primeira opção?



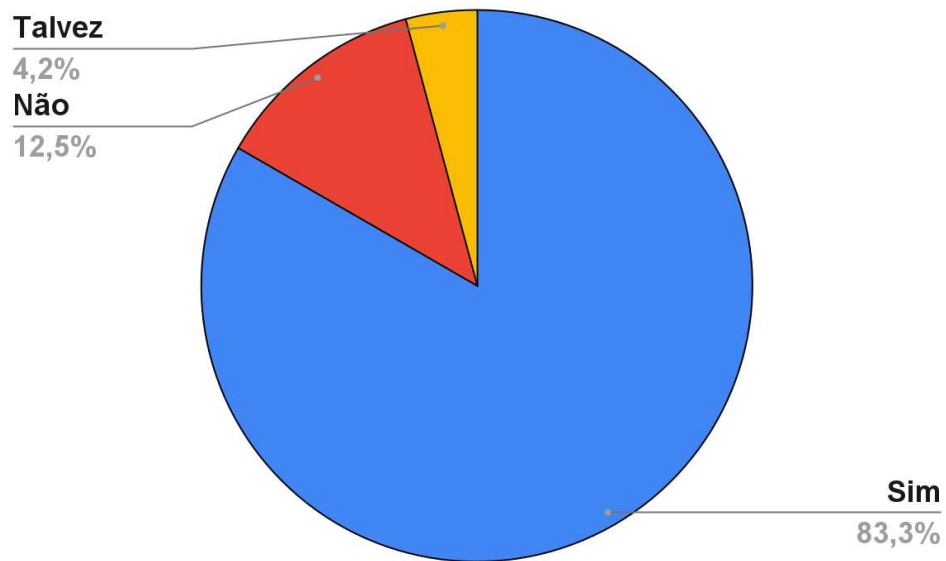
Fonte: Autor (2022).

Gráfico 2. Está satisfeito com seu curso?



Fonte: Autor (2022).

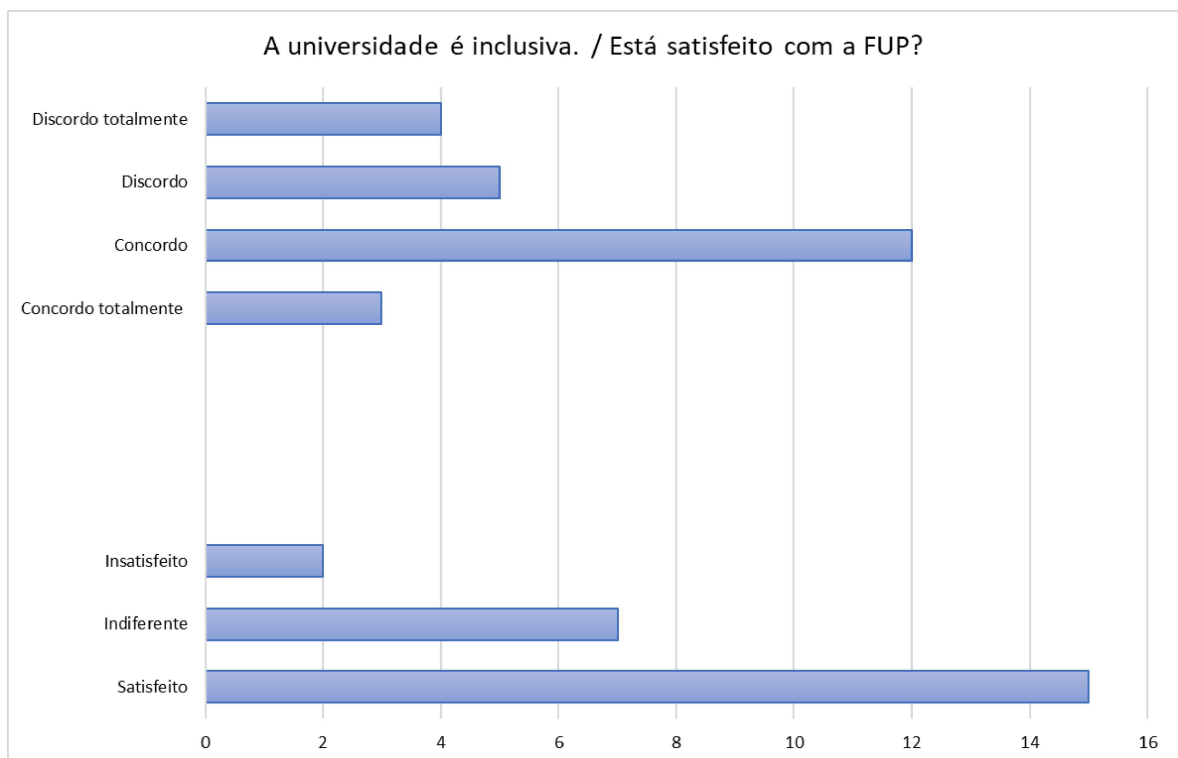
Gráfico 3. Tem intenção de trabalhar na área de formação?



Fonte: Autor (2022).

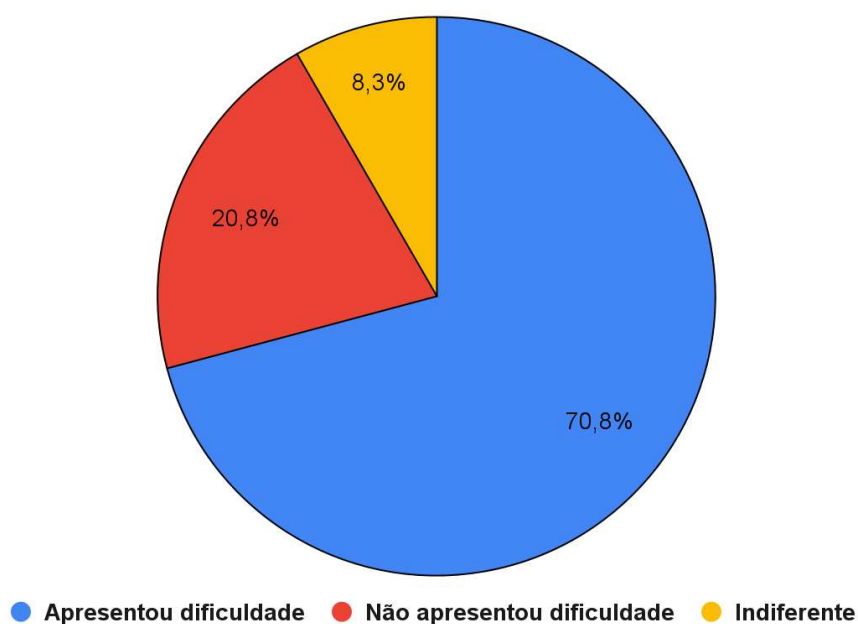
Quando questionados sobre a satisfação com a instituição de ensino, seus processos de integração seus processos de adaptação acadêmica, as informações estão organizadas nas figuras 5 e 6.

Gráfico 4. A inclusão integralizadora da universidade/ A satisfação com a FUP.



Fonte: Autor (2022).

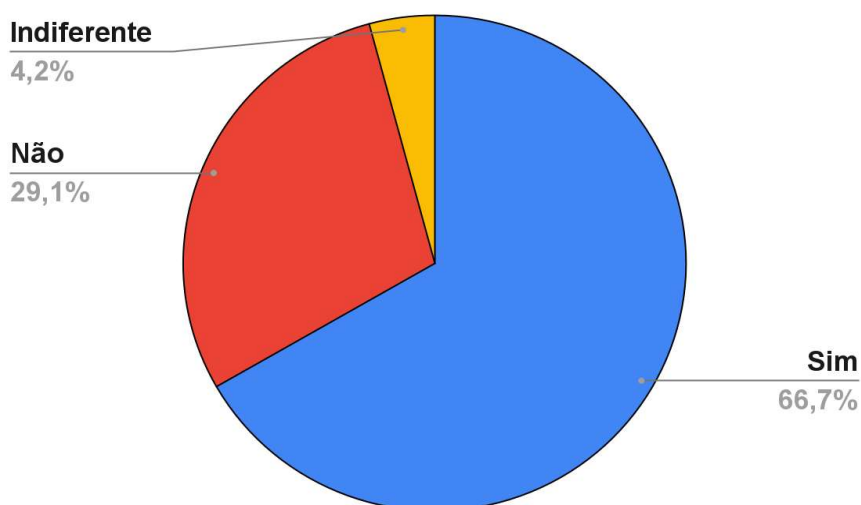
Gráfico 5. Houve dificuldade no processo de adaptação?



Fonte: Autor (2022).

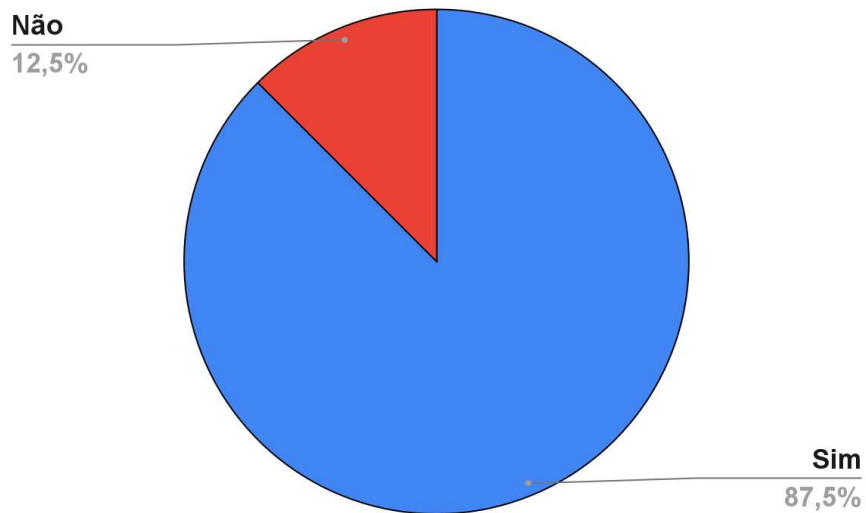
Também foram feitas as perguntas: “Sentiu muita dificuldade para adaptar-se ao uso de tecnologias durante o ensino remoto?” e “Nos dois últimos anos de isolamento social, você sentiu-se menos motivado com sua vida acadêmica?”, as quais foram respondidas respectivamente da seguinte maneira:

Gráfico 6: Sentiu dificuldade para adaptar-se ao uso de tecnologias



Fonte: Autor (2022).

Gráfico 7: Durante a pandemia, sentiu-se menos motivado com sua vida acadêmica



Fonte: Autor (2022).

As demais informações que são imediatamente mais concernentes à apreensão da condição mental e acadêmica dos participantes foi sintetizada na tabela 1:

Tabela 1: Sumarizando as respostas nos períodos pré e pós pandêmico.

QUESTIONAMENTOS	RESPOSTA MAIS FREQUENTES ANTES DA PANDEMIA (%)	RESPOSTAS MAIS FREQUENTES DEPOIS DA PANDEMIA (%)
Tende a participar de eventos acadêmicos extracurriculares (semana universitária, iniciação científica, projeto de extensão).	Concordo (50%)	Concordo (50%)
Tem/teve alguma dificuldade para participar ou ser incluído a algum programa de assistência universitária.	Concordo (45,8%)	Concordo/Discordo (33,3%)
Você tem dificuldade em realizar atividades propostas pela universidade	Discordo (37,5%)	Concordo (54,2%)

(atividades das disciplinas, como seminários, provas e etc.).		
Sente prazer na realização de suas atividades universitárias.	Concordo (45,8%)	Discordo (45,8%)
Você mantém um bom nível de socialização com seus colegas de curso, e sente que em âmbito acadêmico pode contar com a ajuda dos mesmos	Concordo (50%)	Concordo/Discordo (37,5%)
Se sente empolgado(a) durante as aulas e sente prazer em participar das mesmas.	Concordo (37,5%)	Discordo (45,8%)
Perde muitas horas de sono por conta de ocupações acadêmicas	Concordo (58,3%)	Concordo totalmente (58,3%)
Tem dificuldade em conciliar a vida acadêmica e o trabalho.	Concordo Totalmente (29,2%)	Concordo totalmente (33,3%)
Tem dificuldade em conciliar a vida acadêmica e suas relações interpessoais.	Concordo (41,7%)	Concordo/Concordo totalmente/Discordo (29,2%)
Considera que sua família influencia positivamente sua jornada acadêmica.	Concordo totalmente (33,3%)	Concordo totalmente (33,3%)
Pode contar com algum tipo de rede de apoio, seja na universidade ou na vida.	Concordo (58,3%)	Concordo (41,7%)
Sente ansiedade descomunal antes de provas, trabalhos ou testes.	Concordo (45,8%)	Concordo totalmente (60,9%)
Se sente sob constante estresse/tensão.	Concordo (39,1%)	Concordo totalmente (70,8%)
Tem dificuldade de concentração.	Concordo/Concordo Totalmente (33,3%)	Concordo totalmente (75%)
Você é uma pessoa com hábitos regulares tachados em rotina.	Concordo (54,1%)	Discordo (34,8%)
Faz uso de drogas lícitas (café, cigarros, álcool).	Concordo (50%)	Concordo totalmente (70,8%)
Tem tempo livre para praticar hobbies. (Sobra algum tempo livre para além das práticas acadêmicas?)	Discordo (41,7%)	Discordo (41,7%)

Fonte: Autor (2022)

6. Discussão

6.1 Sobre a FUP e o processo de adaptação

Ainda que o tamanho da amostra seja consideravelmente pequeno frente à população atual de 1088 alunos regulares (UNB, 2021) da FUP, acredita-se que a seguinte pesquisa ainda é válida no que diz respeito a descortinar a atual situação dos estudantes que se dispuseram a participar, dando espaço para a manifestação de suas experiências subjetivas que de forma perceptível sofrem influência do meio tanto quanto o afetam.

No que diz respeito ao viés econômico dos participantes, não houve diferença expressiva em referência à incidência de sintomas entre os participantes com a renda per capita de um salário mínimo e aqueles com a renda superior ao mesmo, impossibilitando uma perspectiva que deixe ainda mais claro a diferenciação da desenvoltura econômica como fator de adoecimento.

Os números que dizem respeito à Faculdade UnB Planaltina são predominantemente positivos. É alta a satisfação para com a forma que a universidade integra os seus estudantes - vale fazer a ressalva de que essa pesquisa não fez recortes baseado em deficiências físicas, sensoriais ou intelectuais, ou ainda, considerando transtornos do neurodesenvolvimento.

Considerou a inserção integral dentro do campus como aquela que acolhe o estudante educacionalmente, culturalmente e socialmente - mesmo durante o período pandêmico.

Ainda assim, é também predominante entre os estudantes participantes a dificuldade relacionada ao processo de adaptação dentro dos cursos, as razões para tal são excepcionalmente subjetivas, mas mesmo assim voltam pontualmente às discussões iniciais que se referem à fragilidade que este momento significa na vida da maioria dos indivíduos, em especial os jovens (TEIXEIRA *et al.*, 2008; MONTEIRO *et al.*, 2008; PADOVANI *et al.*, 2014).

Esse processo pode tornar-se ainda mais custoso frente à realidade de que inicialmente uma boa parcela dos participantes não tinha a intencionalidade de cursar seus respectivos cursos, o sentimento de frustração, que, muitas vezes,

acompanha a quebra de expectativa estabelecida previamente, tende a gerar muitos sentimentos negativos (AGOSTINI, 2018) que corroboram com a dificuldade do processo adaptativo.

Embora as situações adversas iniciais entre os indivíduos e seus respectivos cursos pareçam ter sido superadas ou, ao menos, diminuídas, quando refletimos na proporção de respondentes que querem seguir carreira dentro de suas formações (83,3%), as sinalizações para possíveis evasões continuam estranhamente presentes numa porcentagem de 33,3% da “população objeto” (GARBIN *et al.*, 2008, p. 229) que ainda sente vontade em trocar ou abandonar seu curso.

6.2 Sobre a saúde e o desempenho em tempos de pandemia

Alguns aspectos abordados dentro do questionário que dizem respeito à saúde e aos hábitos dos estudantes no momento anterior à pandemia apontam para uma boa participação nos diferentes contextos oportunizados pela universidade. As atividades extracurriculares e as ocupações desenvolvidas em sala de aula são vistas de forma prazerosa e a socialização entre os pares acontece de forma mais frequente e facilitada.

Além dos laços com os colegas, também se sobressai os relacionamentos familiares que são vistos como influências positivas nas jornadas acadêmicas, mesmo nos momentos anteriores à pandemia, expressando-os como apoio essencial na vida dos estudantes. Como dito em momento prévio, as trocas sociais e o apoio de pessoas a quem os estudantes possam atribuir confiança são fundamentais na manutenção da saúde dentro do processo de formação acadêmica (COSTA; LEAL, 2008).

Para além desses aspectos bons, já estavam presentes no momento anterior à pandemia, comportamentos nocivos ao bem estar físico e mental da amostra em questão, tais quais: perda de sono e níveis muito elevados de ansiedade frente às atividades acadêmicas, dificuldade em conciliar o trabalho e a universidade, ou mesmo a universidade e a vida pessoal; dificuldade de concentração, estresse, tensão e consumo de drogas lícitas.

Durante o momento pandêmico enquanto alguns comportamentos positivos se tornaram menos recorrentes, os hábitos nocivos e os possíveis sintomas de adoecimento físico e psíquico passaram por um processo expansionista e, em sua maioria, tornaram-se dominantes na vida dos participantes em decorrência do clima de vulnerabilidade que toma conta do cenário mundial (BEZERRA *et al.*, 2020).

Nas análises, é fácil perceber o aumento vertiginoso no que diz respeito à constante sensação de tensão, e aos níveis de estresse, efeitos que por si só podem ser suficiente para desencadear inúmeras situações de adoecimento; mas junto a eles, os estudantes também reportam maiores níveis de ansiedade no que se trata às atividades desenvolvidas em sala.

A dificuldade frente à necessidade de adaptar-se tecnologicamente para as novas atividades também criou situações que geram desconforto e frustração. O estudante não necessariamente deixa de se engajar nas atividades universitárias, mas passa a sentir menor prazer e entusiasmo por elas, o que implica, automaticamente, uma tendência a menor concentração nas atividades acadêmicas. Aquele assunto, aula ou apresentação ficam cada vez menos chamativos ou interessantes, visto que “o processo ensino-aprendizagem deve ser sustentado pela correlação dos envolvidos com o desejo, no ato de aprender” (ALVES, 2020 *apud* DALBÉRIO; FILHO, 2016, p. 1).

A universidade também deixa de ser uma instituição física da qual se pode simplesmente partir. Ela, agora, é constante, seja no seu celular, computador ou notebook, e convive num ambiente digital, onde a atenção está a um clique de ser perdida. O mundo online fervilha com milhões e milhões de informações, fotos, vídeos, músicas, memes e etc (BUDIN *et al.*, 2021), que de forma não tão sorradeira competem pela concentração dos estudantes enfadados que precisam contar com sua autodisciplina (ALVES *et al.*, 2020).

Considerando ainda que um dos critérios motivacionais importantes no estímulo para a melhoria do rendimento acadêmico baseia-se na interação social, ressalta-se um impacto negativo frente à falta do convívio imposto pelo ensino remoto durante a pandemia, já que o incentivo educacional, que, antes fora reforçado por um trabalho coletivo é suspenso exigindo novas formas de adaptação.

Os níveis de socialização com os colegas acadêmicos também diminuem, implicando de modo prejudicial o incentivo grupal, antes presente no ensino presencial, o que pode vir a representar, conseqüentemente, a perda de

“estimuladores da motivação e da competitividade positiva” (OLIVEIRA, 2013, p.2), o que não é exclusivo do relacionamento aluno-aluno, como também aluno-professor (OLIVEIRA, 2013).

Junto às dificuldades e resistências frente ao ensino, que passam a ter maior peso no período de pandemia, também temos a maior aderência à consumação de drogas lícitas. Seja na tentativa de acompanhar o desenfreado ritmo do mundo ao seu redor, ou mesmo para tentar tranquilizar-se frente a elas, o consumo de drogas como, café, energéticos, cigarro e álcool, se torna ainda mais comum entre os estudantes e é aderido por um total de 70,8% da amostra.

A dificuldade em conciliar a vida educacional e o trabalho formal remunerado também é sinalizada de forma expressiva, tendo em vista que ajustar responsabilidades acadêmicas com as exigências profissionais é sempre um desafio. Essa conciliação exige, além da administração do tempo necessário e disponível para distribuir entre as tarefas, controle emocional e cumprimentos de cronogramas que colidem com a realidade, anulando a expectativa de que o tempo será suficiente.

Assim, podemos acrescentar que os efeitos dessa conciliação repercutiram diretamente na rotina dos participantes deste estudo, acarretando na transformação de hábitos de forma intensa e de certo modo repentino, demandando ajustes tempestivos apresentados como solução.

Em face disso, percebemos que os impactos da pandemia atingiram fortemente questões motivacionais dos estudantes, aviltando aspectos como: responsabilidade, aspirações, expectativas, objetivos e etc. O contexto pandêmico requereu, dos alunos, a adequação e desenvolvimento de novas estratégias para lidar com as demandas apresentadas pela universidade e, ao mesmo tempo, o cuidado com a saúde mental e social.

Assim, percebemos sobreposição entre um desenvolvimento que antes já exigia desenvoltura eficiente e que passou a se tornar um obstáculo ainda mais árduo, fatigante e perturbador.

7. Considerações finais

A seguinte pesquisa nos possibilitou entender ainda melhor a maneira como a significativa vulnerabilidade e a saúde mental dos estudantes são impactadas pelo

ambiente acadêmico. O ambiente universitário, em tempos de pandemia, confrontou os estudantes, bem como toda a comunidade acadêmica, com novas situações de ensino, especialmente, em virtude do distanciamento social.

Esse distanciamento gerou um novo contexto de ensino no qual as redes de apoio entre pares foram impactadas pela impossibilidade de convívio presencial.

Essa experiência de empobrecimento e/ou ausência de convivência com os pares gerou situações de vulnerabilidade, que impactaram de diferentes maneiras seu processo formativo.

Graças às diferentes participações foi possível correlacionarmos o bem-estar, a saúde e o sucesso acadêmico, mapeando ainda possíveis agentes de adoecimento ou comportamentos nocivos para a higidez física e mental dos estudantes universitários, levando em consideração uma transformação imposta sem que houvesse tempo hábil para avaliação e auxílio frente aos obstáculos apresentados durante a pandemia.

E ainda que não tenha sido possível desenvolver maior discussão frente às questões de cunho socioeconômico, por razões anteriormente citadas não desconsideramos de forma alguma as questões sociais que fazem parte de uma parcela expressiva da população, tendo em vista as adversidades já estudadas e listadas que de forma inerente permeiam e influenciam a forma de vida e de saúde de todo um grupo social. Indicando assim, outros possíveis estudos que amplifiquem sua amostragem e abordem o tema de forma mais desmiuçada.

Nota-se, também, que não somente durante o período pandêmico, mas também após o período, ainda se faz presente fortes demandas dos estudantes, consideravelmente vulneráveis, nos quesitos de readaptação e ressocialização, dentro do contexto acadêmico, momento no qual a ação da instituição de ensino se torna indispensável, demandando da Universidade estratégias de condução e de enfrentamento para a melhoria tanto do ambiente quanto do rendimento acadêmico baseado principalmente na interação e integração social.

8.Referências

AGOSTINI, N.; **FRUSTRAÇÃO E SATISFAÇÃO NO AMBIENTE ACADÊMICO: UM ESTUDO NO CURSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ.** Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado ao Departamento Ciências Sociais na Cidade de Curitiba, 2018. Disponível em:

<https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/57405/NICOLE-AGOSTINI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>, Acesso em: 09/04/2022

ALVES, E. J.; CASTRO, F. J.; VIZOLLI, I.; NETO, M. S. A.; NUNES, S. G. C.; **IMPACTOS DA PANDEMIA COVID 19 NA VIDA ACADÊMICA DOS ESTUDANTES DO ENSINO A DISTÂNCIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, PAN-AMAZÔNICA DE COMUNICAÇÃO**, Vol. 4, n. 2, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2526-8031.2020v4n2p19> Acesso em: 15/03/2022.

ANTONIALLI, F.; ANTONIALLI, L. M.; ANTONIALLI, R.; **USOS E ABUSOS DA ESCALA LIKERT: ESTUDO BIBLIOMÉTRICO NOS ANAIS DO ENANPAD DE 2010 A 2015**. Anais do Congresso de Administração, Sociedade e Inovação - CASI, Juiz de fora/MG, 1-2 de dezembro, 2016.

ARIÑO, D. O.; BARDAGI, M. P. **Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários**. Psicol. pesq. Juiz de Fora, v.12, n.3, p.44-52, dez, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472018000300005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03/03/2022.

AZEVEDO, L. R. **Vida universitária e saúde mental: um estudo junto a estudantes da UFRB**. Cruz das Almas, Bahia, UFRB, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

BEZERRA, A. C. V.; SILVA, C. E. M.; SOARES, F. R. G.; SILVA, J. A. M.; **Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19**. Ciência & Saúde Coletiva, 25(Supl.1). p. 2411-2421, 2020. Disponível em: 10.1590/1413-81232020256.1.10792020. Acesso em: 01/04/2022

BIZERRIL, M.X.A.; LE GUERROUÉ, J.L. **FUP: a construção coletiva de um campus interdisciplinar**. In: Saraiva, R.C.F. & Diniz, J.D.A.S. (Org.). Universidade de Brasília: trajetória da expansão nos 50 anos. 1 a ed. Brasília: Decanato de Extensão, p. 23-30, 2012.

BRASIL, MEC, 2019. Ministério da Educação/SETEC/SEED. **Altos índices de desistência na graduação revelam fragilidade do ensino médio, avalia ministro**. S/a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32044-censo-da-educacao-superior>. Acesso em 14/04/2022

BUDIN, A. K. N.; PEREIRA, J. J. M.; CAVALCANTE, D. M. **Psicologia nas mãos: as abordagens a um toque de você**. Mostra de Inovação e Tecnologia São Lucas - Afya Educacional v. 2 n. 2, 202. Disponível em: <http://periodicos.saolucas.edu.br/index.php/mit/article/view/1716>. Acesso em: 12/04/2022.

CAIXETA, S. P.; ALMEIDA, S. F. C. **Sofrimento psíquico em estudantes universitário**. XI Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 23 à 26/2013, p 2176-1396.

CASIMIRO, A. R. C. **A evasão universitária na UnB: uma pesquisa nos cursos de Licenciatura em Ciências Naturais diurno e noturno da Faculdade UnB de Planaltina – FUP no período de 2013 a 2017**. 2020. 150 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38232>. Acesso em: 05/04/2022.

CAVALCANTE, J. F. **Emancipação e participação popular: a gestão participativa no Parque Recreativo Sucupira em Planaltina, DF**. 2010. 151 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável)-Universidade de Brasília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/8003>. Acesso em: 08/04/2022.

SILVA, C. E.; HELENO, G. V. **Qualidade de Vida e Bem-Estar Subjetivo de Estudantes Universitários**. Revista Psicologia E Saúde, V.4, n.1. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/pssa.v4i1.126>. Acesso em: 10/04/2022.

COSTA, E. S.; LEAL, I. **Um olhar sobre a saúde psicológica dos estudantes do ensino superior: avaliar para intervir**. Actas do VII Congresso Nacional de Psicologia da Saúde; Porto, Portugal, 2008. p. 214. Disponível em: <http://www.isabel-leal.com/portals/1/pdfs/7congresso/vii-congresso-saude-pp-213-216.pdf>. Acesso em: 08/04/2022.

DALBERIO, O. FILHO, M. J. **Prazer versus disciplina na educação: um estudo exploratório das divergências e das convergências.** Revista Iberoamericana de Educación, Vol. 39 Núm. 7, 2006. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/2534> . Acesso em: 14/04/2022.

DIAS, J. A. A.; DIAS, M. F. S. L.; OLIVEIRA, Z. M.; SANTOS, C. N.; FREITAS, M. C. A. **REFLEXÕES SOBRE DISTANCIAMENTO, ISOLAMENTO SOCIAL E QUARENTENA COMO MEDIDAS PREVENTIVAS DA COVID-19.** Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro, 2020;10:e3795. P. 1-8, 2020. Disponível em: 10.19175/recom.v10i0.3795 www.ufsj.edu.br/recom, Acesso em: 18/03/2022

DIAS, J. A. A.; DIAS, M. F. S. L.; OLIVEIRA, Z. M.; **Reflexões sobre distanciamento, isolamento social e quarentena como medidas preventivas da covid-19.** Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro, 2020;10:e3795. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19175/recom.v10i0.3795>, Acesso em: 10/04/2022

FIGUEIREDO, M. Z. A.; CHIARI, B. M.; GOULART, B. N. G. **Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali-quantitativa.** Revista Distúrbios da Comunicação, São Paulo, v. 25, n. 1, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/dic/article/view/14931>. Acesso em: 10/04/2022.

Fundação Universidade de Brasília. Lauro Morhy (org.). **Plano de Expansão da Universidade de Brasília: Campus UnB-Planaltina, Campus UnB-Ceilândia/Taguatinga, Campus UnB-Gama.** Brasília, 2005, 78p.

GALLEGOS, C. R.; ESPARZA, G. V.; VALDERRAMA, F. P.; SÁNCHEZ, J. C.; GALLEGOS, J. C.; QUINTANA, B. M.; BAEZA, D. C.; HERNÁNDEZ, J. R. **Hábitos de actividad física y estado de salud durante la pandemia por COVID-19.** Revista Espacios, vol. 41, art. 1, p. 1-10, 2020. Disponível em: 10.48082/espacios-a20v41n42p01, Acesso em: 16/03/2022.

GARRIDO, Rodrigo Grazinoli; RODRIGUES, Rafael Coelho. **Restrição de contato social e saúde mental na pandemia: possíveis impactos das condicionantes sociais.** Journal of Health & Biological Sciences, v. 8, n. 1, p. 1-9, 2020.

GARBIN, C. A. S.; GARBIN, A. J. I.; MOIMAZ, S. A. S.; GONÇALVES, P. E. **A saúde na percepção do adolescente.** Physis: Revista de Saúde Coletiva [online], v. 19, n. 1, p. 227-238, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000100012>. Acesso em: 11/04/2022.

GARBIN, C. A. S.; ARTÊNIO, J. I. G.; MOIMAZ, S. A. S.; GONÇALVES, P. E. **A saúde na percepção do adolescente.** Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p. 227-238, 2009.

GOMES, B. L. R. **Análise da influência da Faculdade UnB Planaltina na Comunidade local por meio da Extensão Universitária.** 2020. 111 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Pública) — Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38293>. Acesso em: 08/04/2022.

JÚNIOR, S. D. C. S.; FRANCISCO, J.; **Mensuração e Escalas de Verificação: uma Análise Comparativa das Escalas de Likert e Phrase Completion.** Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia, v. 15, p. 1-16, 2014.

KRUEGER, B.G. **Adoecimento e universidade: uma equação a ser desvelada.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/cesas/sersocial/pages/trabalho-de-conclusao-de-curso/trabalhos-de-conclusao-de-curso-defendi-dos-em-2018.php>. Acesso em: 14/03/2022.

LAMBERT, A. dos S.; MOREIRA, L. K. R.; CASTRO, R. C. A. de M. **Estado da Arte sobre adoecimento do estudante universitário brasileiro.** Revista Brasileira De Educação E Saúde, v.8, n.2, p.31-36, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18378/rebes.v8i2.5987>. Acesso em: 08/04/2022.

LEAL, K. M.; OLIVEIRA, P. D. S.; Rodrigues, P. R. G.; FOGAÇA F. F. S.; **Desafios enfrentados na universidade pública e a saúde mental dos estudantes.** Revista Humanidades e Inovação, V. 6 N. 8, p. 59-69, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1149>. Acesso em: 10/04/2022.

LIMA, E. R.; SILVA, T. S. S.; VILELA, A. B. A.; RODRIGUES, V. P.; BOERY, R. N. S. O.. **Implicações da pandemia de Covid - 19 nos hábitos alimentares de brasileiros**: Research, Society and Development, v. 10 n. 4, p. 1-10, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i4.14125> , Acesso em: 07/04/2022.

MACHADO, W. L.; BANDEIRA, D. R.; **Positive Mental Health Scale: Validation of the Mental Health Continuum – Short Form**. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 20, n. 2, p. 259-274, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712015200207>, Acesso em: 31/03/2022.

MACUÁCUA, X. V.; LIMA, A. M. de L.; FREITAS, K. T. F.; JUNIOR, L. dos S. S.; PEREIRA, H. dos S. P. A. **Avaliação do Rendimento Acadêmico de Estudantes em Modalidade de Ensino Remoto Durante a Pandemia de COVID-19 em Manaus**. Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas v.22, n.3, p 401-411.

MAGALHÃES, R.; BURLANDY, L.; SENNA, M. de C. M. **Desigualdades sociais, saúde e bem-estar: oportunidades e problemas no horizonte de políticas públicas transversais**. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2007, v. 12, n.6 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000600002>, Acesso em: 06/03/2022.

MARTINS, L. C.; **Formação de professores das camadas populares na Universidade: a importância do papel social da educação para romper com o ciclo de exclusão de crianças na educação básica**. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, p. 1-111, Brasília, 2018.

MELO, L. V. S.; SOUSA, J. V. **Democratização do acesso à educação superior: o caso da Universidade de Brasília – Campus de Planaltina**. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED), 32., 2009, Caxambu. Anais [...]. Caxambu: Anped, 2009. p. 1-16.

MONDARDO, A.; PEDON, E. **Estresse e desempenho acadêmico em estudantes universitários**. Revista de Ciências Humanas, s/l v.6, n.6, p.159-180, 2005.

MONTEIRO, S. O. M.; TAVARES, J. P. da C.; PEREIRA, A. M. de S. **Optimismo disposicional, sintomatologia psicopatológica, bem-estar e rendimento acadêmico em estudantes do primeiro ano do ensino superior**. Estudos de Psicologia (Natal) [online]. v.13, n.1, p.23-29, 2008, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000100003>. Acesso em: 08/04/2022.

MORALES, V, J.; LOPEZ, Y. A. F.; **Impactos da Pandemia na Vida Acadêmica dos Estudantes Universitários**. Revista Angolana de Extensão Universitária.v. 2, n.3 (especial), p. 53-57, 2020. Disponível em: <https://www.portapensador.com/index.php/RAEU-BENGO/article/view/205/147>, Acesso em: 10/03/2022

MOREIRA, C. S. **Composições da violência: periferia, cidadania, política e identidade no rap Planaltina, DF – 1980 a 2013**. 2013. 113 f., il. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15929>. Acesso em 14/03/2022.

MORHY, L.; **Universidade em Questão**. Editora Universidade de Brasília,. v. 1, p. 15-31. Brasília. 2003 Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9420>. Acesso em: 10/04/2022.

NERES, I. V. **Comparação do perfil e da situação entre o aluno evadido e o egresso da Faculdade Unb de Planaltina – FUP**. 2015. xi, 93 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Pública)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/19476>. Acesso em: 29/03/2022.

NIETOTKA, R. L.; TREVISOL, J. V. **Os jovens das camadas populares na universidade pública: acesso e permanência**. Rev. Katál., Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 22-32, jan./jun. 2016.

NUNES, R. C.; **Um olhar sobre a evasão de estudantes universitários durante os estudos remotos provocados pela pandemia do COVID-19**. Research, Society and Development, v. 10, n. 3, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13022>, Acesso em: 31/03/2022.

OECD A (2019), Education at a Glance 2019; OECD Indicators, OECD Publishing, Paris, Disponível em: <https://doi.org/10.1787/f8d7880d-en>, Acesso em: 24/02/2022

OECD B (2021), Education at a Glance 2021; OECD Indicators, OECD Publishing, Paris, Disponível em: <https://doi.org/10.1787/b35a14e5-en>, Acesso em:25/02/2022

OLIVEIRA, D. A.; JUNIOR, E. A. P.; **Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 14, n. 30, p. 719-735, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22420/rde.v14i30.1212>, Acesso em: 03/04/2022.

OLIVEIRA, M. do S. D. de. **Integração universidade-escola: um estudo com egressos do ensino médio**. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Ciências Naturais, Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Planaltina, 2014. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/9717>. Acesso em 14/03/2022.

OLIVEIRA, M. F. B. **Aprendizagem cooperativa no ensino da multimídia: uma estratégia pedagógica para a promoção da motivação e da competitividade positiva**. Relatório de estágio de mestrado em Ensino de Informática, Universidade do Minho, Portugal, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/29171>. Acesso em: 04/04/2022.

OLIVEIRA, M. S. D.; **Integração universidade-escola: um estudo com egressos do ensino médio**. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Ciências Naturais, Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/9717>. Acessado em 11/03/2022.

OSSE, C. M. C.; COSTA, I. I. da. **Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília**. Estudos de Psicologia, Campinas, 28(1): 115-122, jan.-mar. 2011.

PADOVANI, R. da C.; CARMEM, B. N.; MALTONI, J.; BARBOSA, L. N. F.; SOUZA, W. F. de S.; CAVALCANTI, H. A. F.; LAMEU, J. do N. **Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário**. Rev. bras. ter. cogn., Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 02-10, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872014000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09/02/2022.

PEREIRA, M. D.; OLIVEIRA, L. C.; COSTA, C. F. T.; BEZERRA, C. M. O.; PEREIRA, M. D.; SANTOS, C. K. A.; DANTAS, E. H. M.; **A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa**. Research, Society and Development, p. 1-31, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4548>, Acesso em: 20/03/2022

ROCHA, R. V. S.; BRAMBILLA, B. B.; BARROS, B. D. **Saúde mental em contexto de pandemia e isolamento social: tarefas para as trabalhadoras e trabalhadores da saúde**. Revista Interfaces, v.8, N. 3 9. p. 657-666, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.16891/2317-434X.v8.e3.a2020.pp657-666>, Acesso em: 14/03/2022.

RODRIGUES, N. P. A.; SILVA, D. R.; JÚNIOR, E. A. G.; JÚNIOR, E. F. da S.; GOMES, R. da S.; FERNANDES, K. F. D.; OLIVERIA, K. A. R. **Divulgação de informações sobre higiene e mudança de hábitos durante a pandemia da Covid-19**. Research, Society and Development, v. 10, n. 1, p. 2525-3409. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11739>. Acesso em: 11/04/2022.

RODRIGUES, B. B.; CARDOSO, R. R. de J.; PERES, C. H. R.; MARQUES, F. F. **Aprendendo com o Imprevisível: Saúde Mental dos Universitários e Educação Médica na Pandemia de Covid-19**. Revista brasileira de educação médica,

RODRIGUES, G. **O que é uma variável latente e como medi-lá?** PsicoData, ciência de dados e psicologia. 14 de setembro, 2020.

SANTANA, E. R.; PIMENTEL, A. M.; VÉRAS, E. M. **A experiência do edocimento na universidade: narrativas de estudantes do campo da saúde**.

SANTOS, C. P. C.; MARAFON, N. M.; **A Política de Assistência Estudantil na Universidade Pública Brasileira: desafios para o Serviço Social**. Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 15, n. 2, p. 408 - 422, 2016. Disponível em: 10.15448/1677-9509.2016.2.22232, Acesso em: 20/03/2022

SARAIVA R. C. F.; DINIZ, J. D. A. S. **Universidade de Brasília: Trajetória da Expansão nos 50 anos**. Brasília - DF: Gráfica e Editora Movimento. 2012. Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]., v. 24, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.190587>. Acesso em: 09/04/2022.

SCHMIDT, B.; CREPALDI, M. A.; BOLZE, S. D. A.; NEIVA-SILVA, L. **Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19)**. Estud Psicol, Campinas, v.37, n.200063, maio, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>. Acesso em: 08/02/2022.

SEGRE, M.; FERRAZ, F. C. **O conceito de saúde**. Revista de saúde pública, v. 31, n.5, p.538-542. Out, 1997.

SILVA, M. O. da S. **Pobreza, desigualdade e políticas públicas: caracterizando e problematizando a realidade brasileira**. Revista Katálysis [online]. v. 13, n. 2, p.155-163, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-49802010000200002>. Acesso em: 08/04/2022.

SILVA, F. L. Reflexões **sobre o conceito e a função da universidade pública**. Estudos avançados. Estudos Avançados [online] v. 15, n. 42, p. 295-304, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000200015>. Acesso em: 09/02/2022.

STEVANIM, L. F. **Exclusão nada remota, desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia**. RADIS: Comunicação e Saúde, n. 215, p. 10-15, ago. 2020.

TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G.; WOTTRICH, S. H.; OLIVEIRA, A. M. **Adaptação à universidade em jovens calouros**. Ver. Psicologia Escolar e Educacional [online]. v. 12, n. 1, p. 185-202, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000100013>>. Acesso em: 12/04/2022.

TREVISOL, J. V.; NIEROTKA, R. L. **Os jovens das camadas populares na universidade pública: acesso e permanência**. Revista Katálysis [online]. v.19, n.01, p.22-32, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-49802016.00100003>. Acesso em: 10/03/2022.

UNESCO Global Education Monitoring Report UNESCO International Institute for Educational Planning (IIEP). **Six ways to ensure higher education leaves no one behind**. 2017, p. 10. Disponível em: <https://en.unesco.org/gem-report/six-ways-ensure-higher-education-leaves-no-one-behind>, Acesso em: 20/03/2022

VENTURINI, E.; BRANDÃO GOULART, M. S. UNIVERSIDADE, SOLIDÃO E SAÚDE MENTAL. Interfaces - Revista de Extensão da UFMG, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 94–136, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18985>. Acesso em: 14 abr. 2022.

VIANNA, L. A. C. **Processo Saúde-Doença**. Universidade Federal de São Paulo. Curso de Especialização em Saúde da Família. PAB 5. Revisão de Celso Zilbovicius e Daniel Almeida Gonçalves. São Paulo, Universidade Federal de São Paulo, 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/332141/mod_resource/content/1/Vianna%20-%20Processo%20sa%C3%BAde%20doen%C3%A7a.pdf. Acesso em:10/04/2022.

ZAGO, N. **Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares**. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 32, p.226-370, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wVchYRqNFkssn9WqQbj9sSG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14/02/2022.

Apêndice A – Modelo de formulário

Perguntas de informações básicas (1º seção)

- Gênero/Idade?
- Onde mora? *
- Idade?
- Tem filhos? Se sim, quantos?
- Renda familiar per capita?
- Você vive com família (pai, mãe, irmãos(ãs), esposo (a), filhos(as), etc)?
- Recebe algum auxílio governamental?
- Qual sua situação de moradia: própria quitada, própria não quitada, cedida, alugada.
- Egresso de escola pública ou privada?
- Além de estudar, você trabalha?
- De qual curso você faz parte?
- Essa foi sua primeira opção de curso? Por quê?
- Tem intenção de trabalhar na área de formação? Por quê?
- Essa é sua primeira graduação?
- Recebe algum tipo de auxílio universitário?

A vida universitária antes da pandemia (2º seção)

- Você sente **com** vontade de abandonar ou trocar de curso?
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Está satisfeito com o seu curso?
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Tem dificuldade no processo de adaptação à universidade?
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Tende a participar de eventos acadêmicos extracurriculares (semana universitária, iniciação científica, projeto de extensão).
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Considera que a estrutura atual da universidade inclui as pessoas de forma integral.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Tem dificuldade para participar ou ser incluído a algum programa de assistência universitária.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Está satisfeito **com** a Faculdade UnB Planaltina.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Tem dificuldade em realizar atividades propostas pela universidade (atividades das disciplinas como seminários, provas e etc)
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente

- Sente prazer na realização de suas atividades universitárias.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Você mantém um bom nível de socialização com seus colegas de curso, e sente que em âmbito acadêmico pode contar com a ajuda dos mesmos.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Sente-se empolgado(a) durante as aulas e sente prazer em participar das mesmas.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Perde muitas horas de sono por conta de ocupações acadêmicas.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Tem dificuldade em conciliar a vida acadêmica e o trabalho.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Tem dificuldade em conciliar a vida acadêmica e suas relações interpessoais.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Considera que sua família influencia positivamente sua jornada acadêmica.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Pode contar com algum tipo de rede de apoio, seja na universidade ou na vida.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Sente ansiedade descomunal antes de provas, trabalhos ou testes.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Se sente sob constante estresse/tensão.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Sente dificuldade de concentração.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Você é uma pessoa com hábitos regulares tachados de rotina.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Faz uso de drogas lícitas (café, cigarros, álcool).
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Tem tempo livre para praticar hobbies. (Sobra algum tempo livre para além das práticas acadêmicas?)
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente

A vida universitária durante e pós a pandemia (3º seção)

- Sentiu-se inserida (o) integralmente baseada na estrutura adotada pela universidade durante a pandemia.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Esteve satisfeito (a) com as medidas tomadas pela universidade para garantir a continuidade das atividades.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Durante a pandemia participou de eventos acadêmicos extracurriculares (semana universitária, iniciação científica, projeto de extensão).
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Durante a pandemia teve alguma dificuldade para participar ou ser incluído a algum programa de assistência universitária;
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Sentiu que de alguma forma o sucateamento educacional se mostrou ainda mais forte e afetou diretamente seu desenvolvimento pessoal, emocional e profissional.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Durante a pandemia sentiu pouco prazer nas suas atividades universitárias.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- No ensino remoto sentiu dificuldade em realizar atividades propostas pela universidade (disciplinares).
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Sentiu-se empolgado durante as aulas e experienciou prazer em participar das mesmas.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Durante os anos de reclusão manteve um bom nível de socialização com seus colegas de curso, e sentiu que em âmbito acadêmico pôde contar com a ajuda dos mesmos
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Durante a pandemia sentiu que seus hábitos de sono se tornaram desregulados.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Seus hábitos de sono foram muito afetados pelas preocupações com a universidades (aulas, prazos de entrega, provas e etc.)
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Teve dificuldade em conciliar a vida acadêmica remota e o trabalho.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente

- Teve dificuldade em conciliar a vida acadêmica remota e suas relações interpessoais.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Considera que sua família influenciou positivamente sua jornada acadêmica remota.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Pôde contar com algum tipo de rede de apoio, seja na universidade ou na vida pessoal, durante a pandemia.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Durante a pandemia, sentiu níveis elevados de ansiedade e estresse com as atividades acadêmicas.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Seu nível de concentração para com as disciplinas mudou durante a pandemia
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Sentiu-se sob constante estresse/tensão.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Teve mais dificuldade de concentração.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Manteve hábitos regulares tachados em rotina.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Fez uso de drogas lícitas (café, cigarros, álcool).
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Teve tempo livre para praticar hobbies.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Sentiu muita dificuldade para adaptar-se ao uso de tecnologias durante o ensino remoto.
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente
- Nos dois últimos anos de isolamento social, você sentiu-se menos motivado com sua vida acadêmica
 - () Concordo totalmente () Concordo () Neutro () Discordo () Discordo totalmente